

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

ANDRÉ DA LUZ PEREIRA

INTERROGATIVAS-QU: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO COMPARATIVO A PARTIR
DA HIPÓTESE DA SINTAXE MAIS SIMPLES

PORTO ALEGRE

2017

ANDRÉ DA LUZ PEREIRA

INTERROGATIVAS-QU: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO COMPARATIVO A PARTIR
DA HIPÓTESE DA SINTAXE MAIS SIMPLES

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul –
PUCRS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre, RS.

2017

Ficha Catalográfica

P436i Pereira, André da Luz

Interrogativas-qu : um estudo introdutório comparativo a partir da hipótese da sintaxe mais simples / André da Luz Pereira .
– 2017.

61 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños.

1. Gramática. 2. Sintaxe. 3. Interrogativas-qu. I. Ibaños, Ana Maria Tramunt. II. Título.

ANDRÉ DA LUZ PEREIRA

INTERROGATIVAS-QU: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO COMPARATIVO A PARTIR
DA HIPÓTESE DA SINTAXE MAIS SIMPLES

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul –
PUCRS.

Aprovada em: 20 de Janeiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS)

Prof. Dr. Jorge Campos da Costa (PUCRS)

Profª Drª Ana Maria Tramunt Ibaños (PUCRS)

Porto Alegre, RS.

2017

Dedico este trabalho a Maria Edy Pereira,
por ter me dito um dia: “Enfrenta”.

AGRADECIMENTOS

A minha família, aos meus professores e aos meus colegas.

A todos os meus familiares: os próximos e os distantes.

A todos os meus professores: aqueles que me ensinaram com prazer e aqueles que me ensinaram por obrigação.

A todos os meus colegas de sala de aula e de trabalho: os que estão vivenciando comigo o agora e os que me acompanham desde o meu primeiro dia de aula.

A todas as pessoas com quem convivi ao longo da minha vida.

À professora Ana Ibaños por ter me aceitado em seu grupo de pesquisa, por ter me ensinado a pesquisar de verdade e pelas indicações precisas de leitura. Aos professores Sérgio Menuzzi e Gabriel Othero, pelo incentivo para fazer o mestrado. Nem eu acreditava que conseguiria.

Ao Geraldo Neves, por ter acompanhado meu mergulho no mundo das Letras.

Aos meus alunos e colegas da Escola Apeles Porto Alegre, por me ensinarem tanto. Nunca aprendi como nestes dois anos em que convivemos diariamente.

Agradeço.

*Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente que anda,
Uma tristeza cheia de pavor esfria-me
Pressinto um acontecimento do lado de lá das fronteiras e dos
movimentos
(Álvaro de Campos)*

RESUMO

Tendo por base a perspectiva gerativista, que se desenvolve nos estudos linguísticos a partir da década de 1950 (CHOMSKY, 1957, 1965, 1972, 1977a, 1981, 1986, 1995), este trabalho tem por objetivo comparar abordagens sintáticas sobre interrogativas-QU (em inglês, *wh*-questions). O ponto central da comparação é relevância da noção de movimento para os estudos sintáticos de interrogativas-QU. A Tradição da Gramática Gerativa se utiliza da noção de movimento para explicar os fenômenos sintáticos, e a Hipótese da Sintaxe mais Simples acredita que esta noção seja desnecessária, já que haveria uma explicação *mais simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, 2006). Especificamente, serão comparadas as explicações sobre a construção de estruturas interrogativas-QU pela hipótese da Sintaxe mais Simples, que apresenta os conceitos alternativos ao conceito de movimento para descrever o fenômeno das interrogativas-QU, como licenciamento indireto e dependências descontínuas. A ideia de movimento é um eixo importante na tradição da teoria gerativista, pois evolui a partir da teoria dos vestígios, apresentada na década de 1970, mas que ganha força e se consolida como teoria do movimento especialmente a partir do programa de Princípios e Parâmetros (PP), na década de 1980. Embora palavras como deslocamento e movimento já tenha sido mencionadas anteriormente no percurso do empreendimento gerativista, elas se consolidam no PPP e se mantêm no Programa Minimalista (PM), etapa seguinte do empreendimento gerativista, iniciado na década de 1990. Outro aspecto identificado no desenvolver da pesquisa foi a arquitetura paralela da estrutura da linguagem proposta pela Sintaxe mais Simples, que contesta o papel central da sintaxe nos estudos linguísticos, compartilhando com a semântica e com a fonologia, a responsabilidade por gerar estruturas a partir do conceito de Estrutura Conceitual. Para atingir os objetivos propostos, foi utilizado um modelo hipotético-dedutivo, em que são consideradas as premissas propostas pelas linhas teóricas em estudo. Os exemplos e sentenças analisadas não foram gerados em situações de uso por falantes. Foram extraídos das fontes teóricas analisadas ou geradas pelo autor.

Palavras-chave: Gramática; Sintaxe; Interrogativas-QU.

ABSTRACT

The aim of this work is to compare syntactic approaches to *wh*-questions, which is based on the generative perspective developed in linguistic studies from the 1950s onwards (CHOMSKY, 1957, 1965, 1972, 1977a, 1981, 1986, 1995). The central point of the comparison is relevance of the notion of movement for the syntactic studies of *wh*-questions. The mainstream of generative grammar uses the notion of movement to explain syntactic phenomena, and the Simpler Syntax Hypothesis believes that this notion is unnecessary, since there would be a simpler explanation (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, 2006). Specifically, the explanations about the construction of *wh*-question structures will be compared by the Simpler Syntax Hypothesis, which presents the alternative concepts to the concept of movement to describe the phenomenon of *wh*-questions, such as indirect licensing and discontinuous dependencies. The idea of movement is an important axis in the mainstream generative theory, since it evolves from the theory of traces, presented in the 1970s, but which gains strength and consolidates itself as movement theory especially from the Principles and Parameters (PP) program in the 1980s. Although words such as displacement and movement have already been mentioned in the course of the generative enterprise, they are consolidated in the PP program and remain in the Minimalist Program (PM), the next stage of the generative enterprise begun in the 1990s. Another aspect identified in the development of the research was the parallel architecture of the language structure proposed by the Simpler Syntax, which challenges the central role of syntax in linguistic studies, sharing with semantics and phonology the responsibility for generating structures from Conceptual Structure. To achieve the proposed objectives, a hypothetical-deductive model was used, in which the premises proposed by the theoretical lines under study are considered. The examples and sentences analyzed were not generated in situations of use by speakers. They were extracted from the theoretical sources analyzed or generated by the author.

Key-words: Grammar; Syntax; *Wh*-questions

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANT	Antecedente
Aux	Auxiliar
C	Complementizador
CP	Sintagma Complementizador (do inglês <i>Complementizer Phrase</i>)
CS	Estrutura Conceitual (do inglês <i>Conceptual Structure</i>)
D	Determinante
DP	Sintagma Determinante (do inglês <i>Determiner Phrase</i>)
DS	Estrutura Profunda (do inglês <i>Deep Structure</i>)
F	Função
GF-tier	Camada de Função Gramatical (do inglês <i>Grammatical Function Tier</i>)
GU	Gramática Universal
I	Flexional (do inglês <i>Inflectional</i>)
Int	Interrogação
IL	Licenciamento Indireto (do inglês <i>Indirect Licensing</i>)
IMP	Imperativo
IP	Sintagma Flexional (do inglês <i>Inflectional Phrase</i>)
LF	Forma Lógica (do inglês <i>Logical Form</i>)
N	Nome
NP	Sintagma Nominal (do inglês <i>Noun Phrase</i>)
ORPH	Órfão (do inglês <i>Orphan</i>)
PB	Português Brasileiro
PF	Forma Fonética (do inglês <i>Phonetic Form</i>)
PM	Programa Minimalista
PP	Sintagma Preposicional (do inglês <i>Prepositional Phrase</i>)
PPP	Programa de Princípios e Parâmetros
Pre-S	Pre-sentença
Q	Interrogação (do inglês <i>Question</i>)
S	Sentença
SAdj	Sintagma Adjetival
SAdv	Sintagma Adverbial
Sadv3	Sintagma Adverbial de grau 3
SN	Sintagma Nominal

Spec	Especificador (do inglês <i>Specifier</i>)
SS	Estrutura Superficial (do inglês <i>Surface Structure</i>)
ST	Sintagma de Temporalidade
SV	Sintagma Verbal
t	Vestígio (do inglês <i>trace</i>)
T	Temporalidade (do inglês <i>Tense</i>)
Tp	Temporalidade
V	Verbo
VP	Sintagma Verbal (do inglês <i>Verbal Phrase</i>)

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2	INTERROGATIVAS-QU: DUAS ABORDAGENS.....	15
2.1	Vestígios e movimento-QU: dois conceitos essenciais	21
2.2	O movimento-QU na tradição da gramática gerativa	23
2.3	A teoria do movimento em <i>Barriers</i> e no Programa Minimalista	28
3	A HIPÓTESE DA <i>SINTAXE MAIS SIMPLES</i>	32
3.1	Fundamentos de dependências descontínuas	33
3.2	Representação formal da estrutura básica da sentença sem movimento.....	35
3.3	Sobre as interrogativas-Q na sintaxe mais simples.....	38
4	ESTUDOS DE INTERROGATIVAS-QU NO BRASIL E APROXIMAÇÕES COM A SINTAXE MAIS SIMPLES.....	40
4.1	As interrogativas-QU na perspectiva do programa de Princípios e Parâmetros	42
4.2	Representações arbóreas de interrogativas-QU: fundamentos	45
4.3	Mover α	48
4.4	Considerações finais sobre estudos de interrogativas-QU no Brasil	50
4.5	A explicação da <i>Sintaxe mais Simples</i> para interrogativas-QU	51
5	ÚLTIMAS PALAVRAS	56
	REFERÊNCIAS	60

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo por base a perspectiva gerativista, que se desenvolve nos estudos linguísticos a partir da década de 1950 (CHOMSKY, 1957, 1965, 1972, 1977b, 1981, 1986, 1995) este trabalho tem por objetivo realizar um estudo introdutório sobre abordagens sintáticas de interrogativas-QU (em inglês, *wh*-questions), tendo por eixo de condução a discussão sobre a noção de movimento-QU. A obra de Chomsky (e seus seguidores) representa a Tradição da Gramática Gerativa, cuja contribuição para os estudos linguísticos das últimas décadas é inquestionável, não só pelo fôlego que deu aos estudos de sintaxe, como pela sua capacidade de se reorganizar teoricamente. Esta reorganização contempla adequações teóricas para responder eventuais questionamentos feitos por outros linguistas e estudiosos.

Por outro lado, existem visões alternativas à Tradição da Gramática Gerativa que apresentam contribuições relevantes, como a *Hipótese da Sintaxe Mais Simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, 2006). Nesta perspectiva, as interrogativas-QU são explicadas pela noção de licenciamento indireto e dependências descontínuas, uma explicação alternativa à noção de movimento formulada pela Tradição da Gramática Gerativa.

Se por um lado, os estudos sobre interrogativas-QU são muito frequentes na abordagem da tradição da gramática gerativa tanto na análise de construções do português (brasileiro ou europeu) quanto em outras línguas, poucos são os estudos tendo por base os pressupostos teóricos da *Hipótese mais Sintaxe mais Simples*. A motivação para este estudo é, portanto, resultante do meu interesse pelas diferentes abordagens de estruturas interrogativas (PEREIRA, 2015).

Apesar de ser professor de língua portuguesa na educação regular (ensino fundamental e médio), optei por um estudo teórico, sem a utilização de dados derivados de *corpus*. Todos os exemplos aqui analisados são extraídos das obras que consultei e da minha aptidão de falante nativo. Para isso, desenvolvo no Capítulo 1 uma retrospectiva teórica sobre o gerativismo, comparando introdutoriamente dois pontos que ao mesmo tempo unem e afastam as teorias em comparação: a noção de vestígio que une e a noção de movimento que as afasta. Além disso, apresento detalhadamente a relevância e a centralidade da noção de movimento para a tradição da gramática gerativa e como essa noção evoluiu a partir da noção de vestígio.

No segundo Capítulo, apresento alguns fundamentos da *Sintaxe mais Simples* como dependências descontínuas e licenciamento indireto. Analiso também a representação formal da estrutura básica da sentença nesta perspectiva teórica, especialmente a abordagem das interrogativas-QU.

No terceiro capítulo apresento uma revisão dos estudos fundamentais de interrogativas-QU no português brasileiro, especialmente com estudos que analisam a evolução do tema desde a fase da Teoria Padrão até o Programa de Princípios e Parâmetros (LOBATO, 1986); e uma visão mais recente já marcada pela Teoria X-barras e as implementações formais a partir do programa de Princípios e Parâmetros (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007).

No quarto e último capítulo, apresento algumas reflexões sobre a motivação deste estudo, bem como apresento as considerações sobre as inquietações que me levaram a estudar teoricamente as interrogativas-QU, além de possibilidades não exploradas neste estudo. Não é, portanto uma conclusão sobre qual das abordagens é melhor ou qual delas é a que apresenta um poder descritivo mais adequado teoricamente. Além disso, outro aspecto que não é aprofundado neste trabalho é se uma abordagem tem mais poder explicativo do que a outra.

2 INTERROGATIVAS-QU: DUAS ABORDAGENS

As sentenças interrogativas têm sido muito estudadas pelos gerativistas nos últimos 60 anos. Entre os fenômenos mais estudados está o movimento-QU (do inglês *WH-movement*), que ocorre quando palavras interrogativas – como *que, quem, quando* – ocupam posições não canônicas na sentença. É o caso, por exemplo, quando mesmo sendo objetos diretos de um verbo, estas palavras realizam-se foneticamente no início da sentença (posição canônica de sujeito).

Na tradição da gramática gerativa (CHOMSKY, 1957, 1965, 1972, 1977b, 1981, 1986, 1995), este fenômeno é explicado através da noção de movimento. Amparada no aparato formal fornecido pelos fundamentos do empreendimento gerativista, a tradição da gramática gerativa busca descrever (com a maior precisão possível) a sintaxe das estruturas. Essa perspectiva formal destaca o papel da sintaxe em estruturar a linguagem. E o papel da linguística enquanto ciência é descrever, da forma mais adequada, a relação entre os sons (fonologia) e o sentido (semântica) de uma determinada sentença, através da sintaxe.

A *Sintaxe mais Simples* é uma proposta que tem por princípio a simplificação das estruturas geradas na língua, através de uma revisão do papel que a sintaxe exerce na perspectiva da tradição da gramática gerativa (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005). Na abordagem da *Sintaxe mais Simples*, semântica e fonologia também são eixos estruturantes da língua, dispensando, em alguns casos, as estruturas de interface de cunho sintático como PF (Forma Fonética, do inglês *Phonetic Form*) e LF (Forma Lógica, do inglês *Logical Form*), termos forjados no arcabouço da tradição da gramática gerativa. Por propor revisões em alguns pontos centrais da tradição da gramática gerativa (como a revisão da noção de movimento e da centralidade da sintaxe nos estudos linguísticos), a *Sintaxe mais Simples* se apresenta como uma teoria alternativa. No entanto, mantém o pressuposto do inatismo, utilizando-se de recursos formais e da noção de restrições para construir seus fundamentos e suas explicações, sendo, portanto, gerativista.

Entre os fenômenos analisados pela *Sintaxe mais Simples* encontram-se as interrogativas-QU, cuja explicação é dada pelas noções de *dependências descontínuas* e *licenciamento indireto*, eliminando a necessidade da noção de movimento.

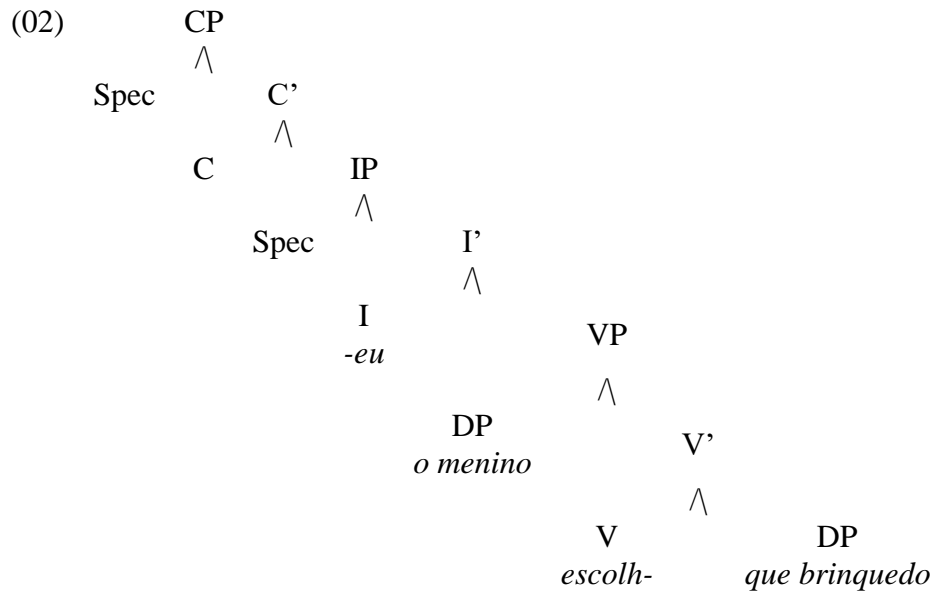
Segundo a tradição da gramática gerativa, especialmente no programa de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), a construção de uma sentença é feita a partir do léxico. A Gramática Universal do falante seleciona itens lexicais e passa a construir a sentença, seguindo algumas hipóteses. A primeira etapa da construção é a DS (Estrutura Profunda, do inglês *Deep Structure*), cuja representação formal permite observar os constituintes nos seus lugares originais, antes da operação de movimento. Em seguida, é construída a SS (Estrutura Superficial, do inglês *Surface Structure*). A SS tem duas representações: PF e LF. PF é a realização sonora da estrutura e LF é o seu sentido.

Para compreender a importância da noção de *movimento* nos estudos gerativistas, analisemos as sentenças interrogativas-QU em (01), em que se percebe que o constituinte *que brinquedo* ocorre em duas posições: primeiro (01a) na posição canônica como objeto da forma verbal *escolheu* (flexão do verbo *escolher*). E em (01b) o sintagma-QU ocorre no início da sentença passando por um deslocamento para a esquerda, sem perder a função sintática de objeto do verbo.

- (01) a. O menino escolheu que brinquedo?
 b. Que brinquedo o menino escolheu?

Seguindo a perspectiva da tradição da gramática gerativa (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 70), e para compreender a abrangência do fenômeno, é possível detalhar a construção da sentença, descrevendo sua representação arbórea da DS ou da SS. Por este motivo, dependendo do que se quer analisar, opta-se por uma ou outra representação. A representação da DS de uma sentença interrogativa como (01a) ou (01b) é exatamente a mesma, como se vê em (02).¹

¹ Utilizamos aqui a notação feita pelos autores do *Novo Manual de Sintaxe* no capítulo 7 que trata da construção de representações arbóreas (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 67 e seguintes)



O sintagma funcional CP (Sintagma Complementizador, do inglês *Complementizer Phrase*) é uma categoria funcional que, neste caso, marca o tipo de sentença como interrogativa. Já o primeiro Spec (Especificador, do inglês *Specifier*) tem uma relação de irmandade com a categoria intermediária C' (Complementizador), que domina a projeção mínima C e o IP (Sintagma Flexional, do inglês *Inflectional Phrase*). O IP codifica a sentença como finita (em termos de flexão verbal) e divide-se em um novo Spec e outra categoria funcional intermediária I' (Flexional).

O primeiro constituinte I – brotado da categoria intermediária I' – é marcado pela desinência verbal (-eu) que contém informações importantes sobre o verbo (número, modo, pessoa); e o segundo é um VP (Sintagma Verbal, do inglês *Verbal Phrase*), que vai se estruturar em um DP (Sintagma Determinante, do inglês *Determiner Phrase*) – o menino – e uma categoria intermediária V' (Verbo). A categoria intermediária V' divide-se em V (Verbo), marcado pelo radical do verbo *escolher* e um DP – que brinquedo.

Embora não esteja representado na árvore (02), o DP – que brinquedo – ainda é dividido em Spec e na categoria intermediária D' (Determinante). Este D' divide-se em D – realizado pela palavra *que* – e um NP (Sintagma Nominal, do inglês *Noun Phrase*). O NP se projeta intermediariamente como N' (Nome) e se realiza como a projeção mínima N, através da palavra *brinquedo*.

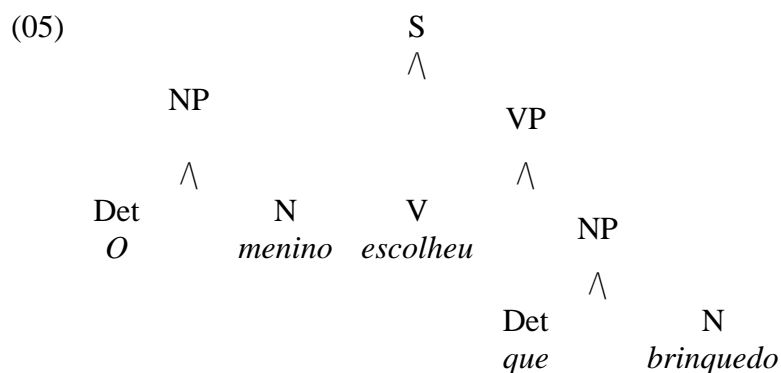
Já a representação da SS de (01a) pode ser verificada em (03), em que se percebe que o DP – o menino – movimentou-se para a posição de Spec, dominada pelo IP, trazendo o rótulo de DP consigo e deixando um vestígio – *j* – na posição em que se encontrava na DS

O DP *que brinquedo* é movido para a posição de Spec de C' e deixa um vestígio – *k* – no ponto em que se encontrava originalmente na representação da DS, último nóculo da representação em (04), marcada pelo DP / t_k . Com isso, percebe-se que o constituinte, embora esteja realizado foneticamente em outra posição na sentença, tem sua relação sintática com o verbo mantida pela localidade, e o vestígio que relaciona estes dois elos da cadeia sintática é formada pelos elementos DP - *que brinquedo*.- e o DP - t_k .

Como se vê, análise do fenômeno começa pela DS (sem os movimentos) e prossegue para a SS (em que os movimentos se realizam). Outra possibilidade é partir da realização fonética da sentença, partindo da PF (01) , interpretá-la semanticamente pela LF e descrever a SS (04) . E depois, a partir dos pressupostos teóricos, organizar a representação da DS (03). Mas neste caso, a primeira etapa os movimentos já estariam realizados, exigindo uma etapa de desfazimento dos movimentos para construir a DS.

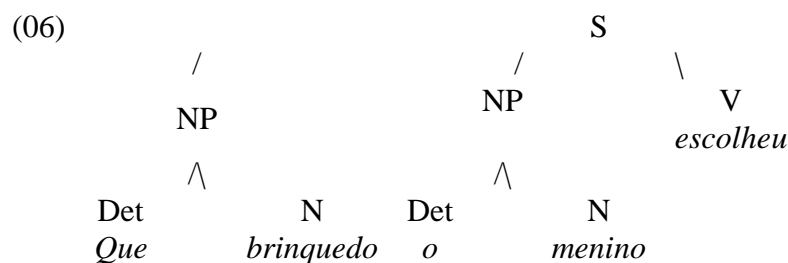
Nesta primeira verificação de procedimentos, reiteramos a relevância da noção de movimento para a tradição da gramática gerativa, pois para organizar estes roteiros descritivos ela se utiliza da noção de movimento, que se formaliza pela Teoria do Movimento, cuja origem teórica é a Teoria dos Vestígios. Como se vê na sequência que apresentamos acima (primeiro representamos a DS e depois a SS) a primeira representação – DS – precisa desfazer os movimentos para permitir a representação adequada.

A *Hipótese da Sintaxe mais Simples* elimina todas as camadas intermediárias marcadas por (') na árvore acima, pois acredita que não devemos gerar entidades além do necessário para a compreensão da sintaxe da sentença (CULICOVER; JACKENDOFF, 2006). Para tanto, a representação em (05) é suficiente – de acordo com este ponto de vista – e qualquer complexidade deve ser empiricamente motivada.



A sentença S organiza-se em um NP – *O menino* – e um VP – *escolheu que brinquedo*. O NP divide-se em um Determinante – *O* – e um Nome – *menino*. Já o VP divide-se no Verbo – *escolheu* – e em outro NP – *que brinquedo*. Este segundo NP, por sua vez, é formado por um Determinante – *que* – e um N – *brinquedo*. E estes são elementos suficientes para interpretar a sentença, sua estrutura conceitual², sua realização fonológica e na sua sintaxe. Como afirmado anteriormente, outras representações mais complexas só devem ser usadas se houver motivação empírica para tal.

Já a sentença (01b) com o NP – *que brinquedo* – realizado foneticamente no início da sentença teria sua representação como em (06), que é uma representação arbórea a partir dos modelos propostos é a Hipótese da Sintaxe mais Simples para a (01b). O sintagma-QU não seria gerado na posição canônica e depois movimentado para o início da sentença. Ele seria selecionado do léxico e inserido diretamente nesta posição, ainda que mantenha uma relação de sentido com um vestígio que ficaria depois da forma verbal *escolheu*. Isso será explicado em detalhes na seção 2.1, já que a *Sintaxe mais Simples* aceita a noção de vestígio, mas rejeita a noção de movimento.



Neste caso, o fenômeno que explica a relação entre dois constituintes linearmente distantes, como a forma verbal *escolheu* e seu objeto *que brinquedo*, é denominado em *Sintaxe mais Simples* por dependência descontínua, que é um tipo específico de licenciamento indireto que é usado para explicar outras situações sintáticas como a Elipse do Argumento Nu (*Bare Argument Ellipsis*).³

² A estrutura conceitual é um recurso importante dentro da Hipótese da Sintaxe mais Simples e será detalhada na seção 2.2 Fundamentos de Dependências Descontínuas.

³ Não encontrei nenhuma tradução para o português da expressão *Bare Argument Ellipsis* e assumo neste trabalho a expressão “Elipse do Argumento Nu” como uma tradução adequada para esta expressão. A evolução de *Sluicing* para *Stripping* e *Bare Argument Ellipsis*, é dada por a) Culicover & Jackendoff (2005, p. 6), retomando Ross (1969); e b) Matos (2009, p. 55) afirma que a noção de *Stripping* evolui para *Bare Argument Ellipsis* nos estudos de elipse. A Elipse do Argumento Nu é o primeiro fenômeno analisado na *Hipótese da Sintaxe Mais Simples* e pode ser verificado no exemplo abaixo:

(A) Pergunta: Ouvi dizer que o João está bebendo novamente.

(B) Resposta: Sim, uísque.

Um dos pontos de partida da *Sintaxe mais Simples* é a fragilidade da tradição da gramática gerativa para explicar alguns fenômenos linguísticos como a Elipse do Argumento Nu (*Bare Argument Ellipsis*), retomando a noção de *sluicing* (ROSS, 1969), e que aparece como *stripping* em outras publicações.

A *Sintaxe mais Simples* considera a Elipse do Argumento Nu como exemplo de um fenômeno sintático cuja explicação pela tradição da gramática gerativa é incompleta ou muito complexa e pede uma simplificação, uma vez que os recursos necessários para a explicação dependem da uniformidade da interface entre semântica e sintaxe. Em outras palavras, a tradição da gramática gerativa não explica a realização semântica de um constituinte que se encontra fora do contexto da sentença, pois precisaria reconhecer que há uma assimetria entre a estrutura fonética e estrutura semântica, que a estrutura sintática não dá conta de mediar.

Introdutoriamente, a representação da *Sintaxe mais Simples* parece ser semelhante à representação de fases anteriores da tradição da gramática gerativa (como a Teoria Padrão e Teoria Padrão Estendida). Essa semelhança vai além da aparência das representações arbóreas. A noção de vestígio, por exemplo, é um dos recursos que é compartilhado entre as duas abordagens. Considerado um ancestral teórico da noção de movimento, a Teoria dos Vestígios aparece na teoria alternativa como um recurso adequado para descrever a formação da cadeia sintática entre o constituinte órfão e seu alvo ou seu antecedente.

2.1 Vestígios e movimento-QU: dois conceitos essenciais

Uma vez estabelecida a noção de movimento sintático dentro da tradição da teoria gerativa, passo a detalhar a perspectiva não movimento denominada *Sintaxe mais Simples*, que se desenvolve paralelamente e dentro do gerativismo, convergindo em algumas ideias – como inatismo e vestígios – e divergindo em outras – como a noção de movimento e uniformidade entre semântica e sintaxe.

Para a tradição da sintaxe gerativa, existe uma uniformidade entre sintaxe e semântica. E todos os fenômenos linguísticos relevantes – inclusive os semânticos – devem estar

A sentença da resposta (B) pode ser interpretada como (C):

(C) Sim, João está bebendo uísque.

No caso, em (A) temos a elipse do argumento interno da forma verbal *bebendo*, que se revela em (B), em que temos uma elipse da forma verbal *bebendo* e do argumento externo (João), restando apenas o argumento interno (uísque). Exemplo adaptado da seção *A sample argument: Bare Argument Ellipsis* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 6).

representados na sintaxe, pois é a sintaxe que gera o número infinito de sentenças a partir de uma quantidade finita de sons, itens lexicais e sintagmas.

No entanto, essa visão não é unânime entre os pesquisadores e a possibilidade de haver uma arquitetura paralela que gera as sentenças de uma língua é defendida como uma forma de simplificar a descrição formal, desobrigando a sintaxe de representar fenômenos linguísticos essenciais.

A Teoria da Sintaxe mais Simples propõe que a linguagem é constituída por uma arquitetura em paralelo, em que fonologia, sintaxe e semântica compõem, em conjunto, três níveis de estruturação linguística não-hierárquicos entre si. Cada sentença proferida, pois, será gerada pelos três componentes ao mesmo tempo e de forma independente. Essa proposta distribui a complexidade estrutural entre três níveis, abrindo mão da uniformidade de interface e retirando a sobrecarga da sintaxe, que não mais precisa comportar, sozinha, todos os fenômenos linguísticos essenciais. (MILIORINI, 2016, p. 24–25)

Como se vê, para a *Sintaxe mais Simples*, os três níveis – sintaxe, semântica e fonologia – são estruturas igualmente geradoras de sentenças, não sendo necessário pressupor uma supremacia da sintaxe sobre os demais componentes. Ao contrário, é exatamente na interface entre os três níveis que a arquitetura da *Sintaxe mais Simples* se estrutura de forma paralela (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 18). Em outras palavras, o fundamental para o modelo proposto pela *Hipótese da Sintaxe* não são os três andares que compõem a arquitetura da linguagem (fonologia, semântica e sintaxe), mas as trocas entre eles (andares, elevadores e algumas passagens secretas e diretas). Elas ligam um andar ao outro sem necessariamente passar pelo iluminado corredor da sintaxe.

Outra questão central para modelo defendido pela tradição da gramática gerativa é a composicionalidade fregeana, de que o significado de uma expressão composta é uma função do significado das suas partes e as regras sintáticas através das quais estas partes são combinadas (CULICOVER; JACKENDOFF, 2006, p. 413). Nesse sentido, a formalização de regras ancorada em abordagens lógicas e matemáticas são importantes para uma interface com a área computacional e com outras áreas do conhecimento humano, mas podem ser excessivamente complexas para abordagens mais interessadas na compreensão das sentenças do que em seu processamento mental ou computacional.⁴

Em suma, a noção de movimento é central na tradição da teoria gerativa desde o início (CHOMSKY, 1965) até os estudos mais recentes como os desenvolvidos no Programa

⁴ Para mais informações sobre a relação entre linguagem e lógica ver o texto *O Enigma das Atitudes Proposicionais* (IBAÑOS, 2009). E sobre a interface entre linguagem, sintaxe e implementação computacional, ver o texto *Sintaxe X-barra: uma aplicação computacional* (MENUZZI; OTHERO, 2006).

Minimalista (CHOMSKY, 1995), passando pelo Programa de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), entre outros. Mais especificamente, ao longo do empreendimento gerativista, a noção de movimento se organiza em regras transformacionais Mover-NP e Mover sintagma-QU (CHOMSKY, 1977a, p. 72), Mover- α (CHOMSKY, 1981, p. 5) e finalmente na Teoria do Movimento (CHOMSKY, 1986, p. 4–8). Oriunda da Teoria dos Vestígios, a Teoria do Movimento é uma espécie de perspectiva inquestionável dentro da tradição gerativista. Mas uma noção alternativa se desenvolve paralelamente e dentro do gerativismo, apresentando como vantagem principal o fato de ser “mais simples”. Invocando a navalha de Occam, a *Hipótese da Sintaxe mais Simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005) questiona paradigmas da tradição da gramática gerativa.

A busca por uma explicação mais simples para os fenômenos é uma das principais contribuições para o avanço da ciência proposta por Guilherme de Occam (1285 – 1349), que defende que se houver duas explicações para o mesmo fenômeno, a mais simples é melhor. Assim, uma teoria sintática que melhor explica os fenômenos linguísticos (faculdade da linguagem, aquisição da linguagem, etc.) é aquela que utiliza a estrutura mínima necessária para relacionar sons e sentidos.

2.2 O movimento-QU na tradição da gramática gerativa

A interrogação é um fenômeno sintático muito estudado no empreendimento gerativista. Há menções a ele desde Estruturas Sintáticas (CHOMSKY, 1957). Já a noção de movimento aparece mais tarde como uma evolução da teoria dos vestígios (em inglês *trace theory*). Elaborada no início da década de 1970 dentro do programa de investigação gerativista para descrever propriedades relevantes para a interpretação de um objeto sintático quando este ocorre foneticamente em posição diferente da posição em que ocorre sintaticamente. Entretanto, visões alternativas estruturam-se dentro do programa gerativista. Uma delas é a *Sintaxe mais Simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005), que se diferencia da tradição da gramática gerativa por ser *mais simples* e não recorrer à metáfora do movimento para explicar fenômenos como as interrogativas-QU.

As motivações empíricas para estudar as noções de vestígio são fartas dentro do empreendimento de investigação gerativista. No exemplo (07) a palavra *quem* aparece no início da sentença e pode ser interpretada como o objeto de *beijou*.

(07) Quem que o João beijou?

(NUNES, 1998, p. 205)

Considerando a ordem sintática mais recorrente em português (Sujeito - Verbo - Objeto), o fenômeno apresentado em (07) apresenta uma descontinuidade que precisa ser explicada, já que viola a ordem canônica, o objeto realiza-se antes do sujeito, sem que isso configure uma sequência mal formada. Para ilustrar e permitir uma análise adequada, em (08) a mesma sequência é apresentada na ordem citada.

(08) O João beijou quem?

Em português, esta ordem direta não apresenta problemas sintáticos aparentes e será considerada adequada pela maioria dos falantes nativos. Uma representação formal de (07) é apresentada em (09), onde *t* é o vestígio que marca a posição de onde o objeto – *quem* – se deslocou para a periferia esquerda da sentença. E o índice *i* compartilhado pelos dois constituintes – o sintagma-QU e o *t* – é a representação formal de que eles compõem uma cadeia sintática.

(09) [quem_{*i*} [que [o João [beijou t_{*i*}]]]]

(NUNES, 1998, p. 206)

Esse deslocamento do objeto sintático – *quem* – para uma posição diferente, formando uma sentença gramaticalmente adequada, é conhecido como movimento sintático na tradição da teoria gerativa (NUNES, 1998, p. 206). Como este movimento do sintagma-QU interrogativo para o início da sentença, há outros fenômenos que são explicados pela Teoria do Movimento.

A noção de movimento para explicar fenômenos sintáticos ocorre em diversas fases da teoria gerativista. Neste estudo, considera-se a tradição da gramática gerativa, referindo-se à linha de pesquisa associada a Chomsky, organizada – de forma geral – nas seguintes fases: a) modelo original (CHOMSKY, 1957); b) Teoria Padrão (CHOMSKY, 1965); c) Teoria Padrão Ampliada (CHOMSKY, 1972); d) Teoria Padrão Ampliada Revisada (CHOMSKY, 1975); e) Programa de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981); f) Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Esta visão geral é apresentada pelos propositores da *Sintaxe mais Simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 3), que, por não apresentar divergências

significativas com as visões apresentadas por outros pesquisadores, é considerada adequada para as discussões que se pretende fazer aqui.

As primeiras fases do empreendimento gerativista que vão desde 1957 ao final da década de 1970, também são referidas como fases da gramática transformacional ou derivacional, uma vez que a maioria dos fenômenos é descrita como transformações e derivações. Mais para o final da década de 1970, já entrando nos anos 1980, a teoria da gramática passa a se preocupar mais com as representações dos fenômenos do que com suas transformações e derivações, introduzindo, então, a perspectiva representacional.⁵

Na fase da Teoria Padrão o arcabouço de pesquisa de gramática gerativa é estruturado inicialmente. A revisão seguinte, no início da década de 1970, já apresenta o embrião da noção de movimento tal como ela aparece em *Princípios e Parâmetros*, quando é finalmente formalizada a Teoria do Movimento (CHOMSKY, 1986, p. 4). Esse núcleo embrionário pode ser introdutoriamente explicado pelas noções de DS (Estrutura Profunda, do inglês *Deep Structure*) e SS (Estrutura Superficial, do inglês *Surface Structure*). No desenvolvimento do empreendimento gerativista estas noções fundamentais evoluirão para as noções de Forma Lógica e Forma Fonética.

Para destacar a relevância da noção de movimento para o gerativismo, apresento a estrutura do modelo da Teoria Padrão em (10). Nele verifica-se que a relação entre DS e SS se organiza em torno de componentes transformacionais e regras transformacionais, entre elas o deslocamento do sintagma nominal e do sintagma-QU, especialmente em construções passivas e construções interrogativas.

A construção interrogativa-QU sempre foi um elemento motivador das pesquisas em sintaxe, pois ela contém fenômenos que ora parecem universais, por aparecerem em línguas muito diferentes, ora parecem específicos por apresentarem regras e restrições específicas de uma língua.

⁵ Para uma retrospectiva histórico-teórica das fases da teoria da gramática e sua relação especialmente com o movimento *wh*, ver o texto sobre diferenças descritivas do movimento-*wh* interrogativo (RAYMUNDO, 2008).

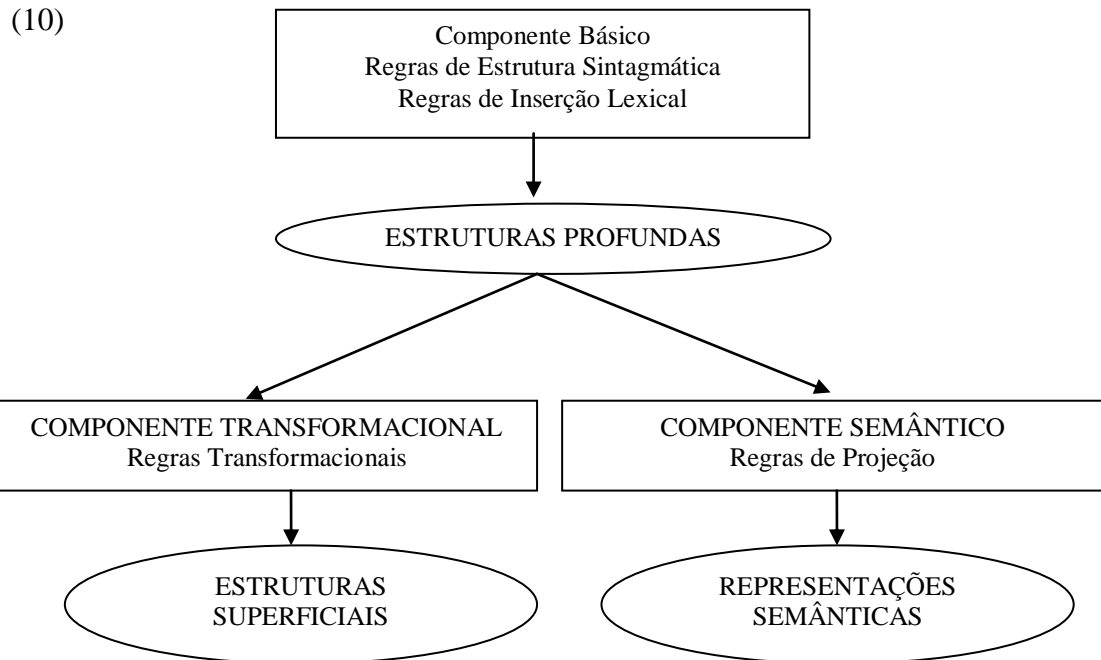


Figura 1 – Modelo da Gramática na *Teoria Padrão* (COWPER, 1992, p. 6)

Na explicação do modelo acima, a autora explica que uma das premissas do modelo chomskyano clássico é a busca por descrever a linguagem como um relacionamento entre sons e significados. Os sons são a forma física da linguagem, sem nenhum sentido em si mesmo. *Bom dia* não significa nada para um falante de inglês, e *Good morning* não significa nada para um falante de português. Os significados são, portanto, representações mentais abstratas independentes da forma física (COOK, 1988, p. 28). Com a finalidade de estruturar a relação entre estes dois aspectos (som e significado), há um nível intermediário chamado sintaxe.

Neste modelo, a estrutura sintática assume um papel de mediação entre a representação fonética dos sons (sua forma física) e a representação semântica do significado. A figura 2, em (11), representa este dispositivo.

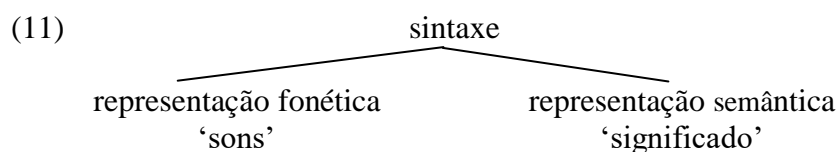


Figura 2 – A sintaxe como uma ponte entre sons e significado (COOK, 1988, p. 29)

Na fase de Princípios e Parâmetros (década de 1980), a relação entre sons e significados é ligeiramente alterada em relação ao modelo clássico. Para isso, descreve uma PF (Forma Fonética, do inglês *Phonetical Form*), que se realiza como uma sequência sonora, e uma LF (Forma Lógica, do inglês *Logical Form*), representação de um sentido sintático, mediado pela “sintaxe” (COOK, 1988, p. 29).

A figura 3, apresentada em (12) demonstra esta alteração.

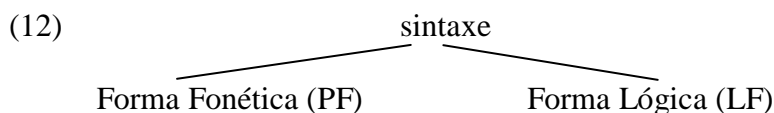


Figura 3 – A sintaxe como uma ponte entre a PF e LF
(COOK, 1988, p. 29)

A elaboração do nível sintático é feita através principalmente do conceito de *movimento*. A forma original da sentença é uma antes que processo de *movimento* atue, e a forma derivada é verificada depois que o processo de *movimento* ocorreu.

Para fins de descrição, o modelo de Princípios e Parâmetros exige dois níveis de representação sintática: a *estrutura-P*, (ou DS) em que os elementos da sentença estão em sua localização original, e a *estrutura-S* (ou SS) em que eles aparecem movidos.

As sequências em (13) e (14) apresentam introdutoriamente estes dois níveis:

(13) The hospital is where?
O hospital é onde?
O hospital é onde

(14) Where is the hospital?
Onde é o hospital?
Onde é o hospital?

(COOK, 1988, p. 30)

Nas sequências observadas, considerando (13) como um estágio inicial, a partir do qual será analisado o fenômeno de deslocamento dos constituintes, que pode ser chamado de estrutura-P. Já a estrutura-S (14) é o resultado depois da atuação da regra de movimento. Inicialmente, constata-se que o constituinte *the hospital* se desloca para o fim da sentença e o constituinte *where*, para o início da sentença.

Mas é preciso representar este deslocamento. E o arcabouço do Programa de Princípios e Parâmetros, seguindo uma tendência que já se manifestara em fases anteriores do empreendimento gerativista, seleciona a noção de vestígio para tomar como ponto de partida e explicar teoricamente a noção de movimento.

No caso acima, a estrutura-S precisa, ainda, registrar o vestígio deixado pelo sintagma *where* depois de deslocar-se para o início da sentença. Assim, a estrutura-S fica mais adequadamente representada através de (15).

(15) $Where_i$ is the hospital t_i ?

Neste caso, a segunda ocorrência de *i* em (15) representa que o vestígio (*t*) deixado pelo sintagma *where* continua sintaticamente relacionado com *where* e pode ser interpretado em sua posição de origem em (13).

Para resumir, é na fase de Princípios e Parâmetros da tradição da gramática gerativa que a noção de *vestígio* se consolida definitivamente como *movimento*, tornando-se um dos eixos centrais desta fase do programa gerativista, mantendo-se e ampliando-se na fase seguinte do gerativismo conhecida como Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995)⁶.

Considerando que a noção de vestígio é uma espécie de ancestral teórico da teoria do movimento, buscaremos entender por que a *Sintaxe mais Simples* rejeita a noção de movimento, mas não rejeita a noção de vestígio.

Como esta seção teve por objetivo confirmar com exemplos e argumentos a relevância da noção de movimento para a fase de Princípios e Parâmetros no arcabouço do programa gerativista de investigação, entendo que a relevância está suficientemente evidenciada. Entretanto, nas fases seguintes que se iniciam com a publicação de *Barriers* (1986) e *Minimalist Program* (1995), a relevância e a centralidade da noção de movimento é mantida.

2.3 A teoria do movimento em *Barriers* e no Programa Minimalista

Depois da abundância de teorias e princípios descritos no programa de Princípios e Parâmetros, o empreendimento gerativista busca uma simplificação. E um dos primeiros

⁶ Para mais detalhes sobre a relação entre o Programa Minimalista e a teoria do movimento, ver o capítulo *Movement and minimality effects* (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 141–172) e a subseção *Merge and Move* (BOECKX, 2008, p. 28–31).

fenômenos que passa por esta simplificação é a noção de movimento sintático que se sistematiza definitivamente na Teoria do Movimento (CHOMSKY, 1986).

Simplificar, aqui, decorre de uma reflexão sobre a possibilidade de se identificar fenômenos que funcionem para delimitar mais de uma teoria o que terminaria por agrupá-las, simplificando o arcabouço teórico do gerativismo, que havia chegado a um grande número de hipóteses e teorias na fase do programa de Princípios e Parâmetros.

A possibilidade de simplificar as explicações sobre as categorias que pudessem representar barreiras para a regência e movimento, entendido como a aplicação da regra geral mover- α , é uma das motivações para a estruturação da obra *Barriers* (CHOMSKY, 1986). Essa preocupação aparece já no início da obra e como uma justificativa para a adequação do arcabouço teórico do empreendimento gerativista.

I want to explore some rather murky questions concerning the theories of government and bounding, including, in particular, the possibility of a unified approach to these topics. The intuitive idea is that certain categories in certain configurations are barriers to government and to movement (application of the general rule Move- α). A natural speculation would be that the same categories are barriers in the two cases. As is well known, however, government is a stricter and "more local" relation. We might therefore expect that one barrier suffices to block government, whereas more than one barrier inhibits movement, perhaps in a graded manner. One of the questions I want to consider is whether there is a reasonable notion of barrier that has these properties. (CHOMSKY, 1986, p. 1)⁷

A investigação sobre categorias comuns que possam funcionar como barreiras para a teoria da regência e para a regra geral Mover- α reitera a posição central da noção de movimento na nova fase que se inicia, conhecida como Programa Minimalista. A regra geral Mover- α será detalhada na seção 4.3, a partir das contribuições de estudos gerativistas sobre o PB.

Assim, *Barriers* (CHOMSKY, 1986) é uma obra de transição entre o Programa de Princípios e Parâmetros e o Programa Minimalista, pois apresenta um novo arcabouço teórico que, embora fundamentado nas etapas anteriores, se utiliza de teorias mais gerais.

⁷ Tradução nossa: *Quero explorar algumas questões certamente sombrias sobre as teorias de regência e dos nós de fronteira, incluindo, em particular, a possibilidade de uma abordagem unificada para estes temas. A ideia intuitiva é que certas categorias em determinadas configurações são barreiras para a regência e para o movimento (aplicação da regra geral Mover- α). A especulação natural seria que as mesmas categorias são barreiras nos dois casos. Como é bem conhecido, no entanto, a regência é uma relação estrita e "mais local". Podemos, portanto, esperar que uma barreira baste para bloquear a regência, ao passo que mais de uma barreira inibe o movimento, talvez de uma forma gradual. Uma das questões que eu quero considerar é se há uma noção razoável de barreira que tenha estas propriedades.*

Neste sentido, a noção de movimento é considerada tão relevante quanto a noção de regência. Segundo Chomsky, é necessário esclarecer determinados pontos.

With regard to the theory of movement, it appears that a number of different factors enter into informant judgments, including lexical choices to which they are sensitive; it is therefore necessary to proceed on the basis of some speculations concerning the proper idealization of complex phenomena, how they should be sorted out into a variety of interacting systems (some of which remain quite obscure), which ones may tentatively be put aside to be explained by independent (sometimes unknown) factors, and which others are relevant to the subsystems under investigation. I will consider several paths through the maze of possibilities that come to mind. (CHOMSKY, 1986, p. 1)⁸

A primeira seção de *Barriers* é dedicada à Teoria X-barra, que é apresentada definitivamente como a mudança necessária e que substitui de vez as regras de estrutura sintagmática. E a segunda seção se ocupa da Teoria do Movimento. Nesta formalização, é apresentado o movimento em dois tipos: substituição e adjunção (CHOMSKY, 1986, p. 4).

Em seguida, Chomsky assume que movimento não é determinado por uma regra específica, mas resulta da interação de muitos fatores, incluindo atribuição de Caso, que está envolvida na determinação da regra de movimento do sintagma nominal, assim como propriedades morfológicas que requerem o alçamento do verbo para o nóculo flexional. (CHOMSKY, 1986, p. 5).

Nestas citações envolvendo os fundamentos de movimento, e pela urgência da explicação sobre a natureza das barreiras que impedem o movimento, percebe-se mais uma vez a importância e a centralidade do *movimento* na tradição da teoria gerativa. Não é, portanto, um conceito que, em sendo colocado em dúvida, não faça estremecer os pilares da arquitetura gerativista. Sendo um conceito central, é de se esperar que o empreendimento gerativista se concentre em mantê-lo e, as abordagens alternativas, em testá-lo.

No capítulo 3, a seguir, apresento abordagens de não movimento para fenômenos envolvendo interrogativas-QU. Com isso, busco compreender se o empreendimento gerativo está prestes a dar um novo passo na evolução descritiva, revisando um dos pilares: a noção de movimento. Ou se, pelo contrário, se a noção alternativa *de dependências descontínuas* é tão

⁸ Tradução nossa: *No que diz respeito à teoria de movimento, verifica-se que um número de diferentes fatores entra em julgamento de informações, incluindo escolhas lexicais às quais eles são sensíveis; é, portanto, necessário proceder, com base em algumas especulações a respeito da idealização adequada de fenômenos complexos, como eles devem ser resolvidos em uma variedade de sistemas que interagem (alguns dos quais permanecem bastante obscuros), quais são aqueles que podem provisoriamente ser postos de lado para ser explicada por fatores independentes (por vezes desconhecidos), e que os outros são relevantes para os subsistemas sob investigação. Vou considerar vários caminhos através do labirinto de possibilidades que vêm à mente.*

complexa quanto a noção de movimento-QU, que sua implementação não possa representar uma economia de entidades como se espera de uma teoria que recorra à navalha de Occam para simplificar seus recursos, sem perder a precisão descritiva que o empreendimento gerativista construiu ao longo de décadas.

3 A HIPÓTESE DA *SINTAXE MAIS SIMPLES*

Uma vez estabelecida a noção de movimento sintático dentro da tradição da teoria gerativa, passo a apresentar uma perspectiva que defende a inexistência de movimento *Sintaxe mais Simples* (do inglês *Simpler Syntax*). Esta proposta desenvolve-se dentro do gerativismo, compartilhando algumas ideias – como o inatismo – e divergindo em outras – como a noção de movimento (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005). E apresenta-se alinhada com outros estudos alternativos que, segundo os propositores da *Sintaxe mais Simples*, tem em comum a perspectiva não movimento, entre outros aspectos.

Como vimos no Capítulo 2, a noção de movimento é central na tradição da teoria gerativa, desde o início (CHOMSKY, 1965) até os estudos mais recentes como o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), passando pelo Programa de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), entre outros. Mais especificamente, ao longo do empreendimento gerativista, a noção de movimento evolui e passa de regras transformacionais Mover-NP e Mover sintagma-*wh* (CHOMSKY, 1977a, p. 72) para Mover- α (CHOMSKY, 1981, p. 5) e mais adiante como Teoria do Movimento (CHOMSKY, 1986, p. 4–8).

A divisão tradicional do núcleo da linguística em fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e léxico não é completamente aceita pela *Sintaxe mais Simples*. Antes, essa teoria defende uma arquitetura paralela que envolve uma divisão tridimensional dos componentes da fonologia, da sintaxe e da semântica, priorizando as interfaces entre eles seja através de departamentos sintagmáticos ou morfológicos, seja através do léxico, que perpassa todos os componentes e todos os departamentos.

Uma vez apresentada a ideia da *Sintaxe mais Simples* e suas motivações iniciais – explicar fenômenos que a tradição da gramática gerativa não explica ou explica com alto custo – passo a apresentar na próxima seção a noção de *dependências descontínuas*, que substitui teoricamente a noção de movimento no caso de interrogativas-QU.

Os fundamentos teóricos das *dependências descontínuas* são o QU-inicial e a topicalização em termos de *Licenciamento Indireto* (IL, do inglês *Indirect Licensing*). O QU-inicial é caracterizado pelo fato de que há um sintagma-QU indiretamente licenciado em posição inicial. Já o IL é um mecanismo formal que explica a relação entre dois constituintes que se encontram em posições distantes – não locais. Estes constituintes mantêm entre si uma relação de dependência que pode envolver aspectos sintáticos e aspectos semânticos.

3.1 Fundamentos de dependências descontínuas

Os fundamentos para um tratamento de *dependências descontínuas* (ou de longa distância) são QU-inicial e topicalização, em termos de licenciamento indireto, que se desenvolve mais detalhadamente e tem consequências para outros fenômenos. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 301). Objetivamente, a *Sintaxe mais Simples* defende que os fenômenos analisados na tradição da gramática gerativa como movimento podem ser tratados por meio de outras possibilidades, contornando problemas teóricos e empíricos para abordagem de movimento.

O mecanismo mais abrangente é o *Licenciamento Indireto*. Este mecanismo explica que a conexão semântica entre dois constituintes é suficiente para explicar as características sintáticas do constituinte “órfão” quando este depende sintaticamente do “antecedente” ou do “alvo”. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 259)

Aqui, podemos retomar o exemplo analisado no Capítulo 21 na apresentação inicial dos fundamentos da *Sintaxe mais Simples* e reescrito aqui como (01) o constituinte “órfão” – *que brinquedo* – é indiretamente licenciado pelo constituinte *escolheu*.

(01) Que brinquedo o menino escolheu?

A representação formal de (01) pode ser visualizada em (02), em que se observa a presença de vestígios - *i* – para assinalar o licenciamento indireto.

(02) [Que brinquedo]_{*i*}^{ORPH} o menino escolheu *t_i*^{TARGET?}

Este licenciamento indireto ocorre porque o constituinte “órfão” – *que brinquedo* – é o núcleo de uma cadeia, cuja cauda é o constituinte “alvo”, representado pelo vestígio – *t_i* – na posição canônica à direita do verbo *escolheu*.

A notação formal para o IL é resumidamente: IL (indiretamente licenciado), ANT (antecedente), ORPH (órfão) e TARGET (alvo).

It will be useful to have a notation for indirect licensing. We will superscript the fragment construction with IL (“indirectly licensed”), the antecedent sentence with ANT, and the orphan with ORPH. When there is a match for the orphan within ANT, we will superscript it with TARGET. When there is no match, we will notate

the “sprouted” node in parentheses with the superscript TARGET. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 264)⁹

Outro pressuposto fundamental da *Sintaxe mais Simples* é a CS (Estrutura Conceitual, do inglês *Conceptual Structure*). Ela é um sistema central da mente, mas não é uma parte da linguagem; ela é a estrutura mental que a linguagem codifica para a forma transmissível. Neste modelo, a faculdade da linguagem em sentido estrito inclui (i) estrutura sintática e fonológica, (ii) a interface que se correlacionam sintaxe e fonologia uma com a outra, e (iii) as interfaces que conectam sintaxe e fonologia com a Estrutura Conceitual (a “interface conceitual-intensional”) e com o *input* da percepção e o *output* motor (a interface “sensório-motora”, na verdade, uma interface entre a audição e o controle motor) (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 20). Em outras palavras, a CS é um aspecto das representações cognitivas humanas, através da qual os pensamentos se manifestam. Uma das características da CS é que seus elementos são discretos, em oposição a outros aspectos do pensamento que são provavelmente geométricos, como o campo visual.

Considerando a estrutura básica da sentença na *Sintaxe mais Simples*, a relação entre som e significado é descrita pelas interfaces entre as diversas camadas (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 170), que têm o nível mais alto na CS, quando o mapeamento for do significado em direção ao som. A CS é, portanto, o primeiro nível da representação formal proposta e corresponde ao aspecto semântico da linguagem.

Nesta perspectiva, o segundo nível é a *GF-Tier* (Camada de Função Gramatical, do inglês *Grammatical Function Tier*). O terceiro nível é a Sintaxe. E o quarto nível é a Fonologia. A *GF-Tier* é um sistema especial – formulado a partir de outras perspectivas teóricas como a LFG (Gramática Lexico-Funcional, do inglês *Lexical-Functional Grammar*) e RG (Gramática Relacional, do inglês *Relational Grammar*) – que controla o número de NP argumentos diretos em cada sentença, que tem o valor de três como valor máximo.

⁹ Tradução nossa: *Será útil ter uma notação para licenciamento indireto. Vamos sobrescrever a construção fragmentada com IL (“indiretamente licenciado”), a sentença antecedente com ANT, e o órfão com ORPH. Quando há uma correspondência para o órfão dentro do ANT, vamos sobrescrever com TARGET. Quando não houver nenhuma correspondência, vamos anotar o nó “brotado” entre parênteses com o termo TARGET sobrescrito.*

3.2 Representação formal da estrutura básica da sentença sem movimento

A representação formal das interrogativas-QU com apenas um verbo pela *Sintaxe mais Simples* é uma abordagem adequada para iniciar a comparação com as explicações da tradição da gramática gerativa que se utilizam da noção de movimento para descrever as interrogativas-QU.

Uma sentença como (03) tem sua forma geral da Estrutura Conceitual dada em (04) e sua forma específica em (05).

(03) Who will John see
 Quem FUTURO John verá
 Quem John verá?

(CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 308)

(04) Q_x [F (... x ...)]
 Qual é o x, tal que F(...x...)?

(05) Q_[X PERSON] [FUTURE [SEE (JOHN, x)]]
 ‘Qual é o x, x é uma pessoa, tal que John verá x?’

A sintaxe da sentença de (03) está representada em (06).

(06) Sintaxe [[Who_i] Q [will John see t_i]]

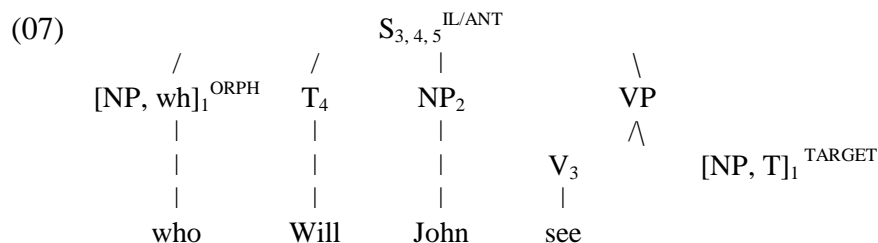
O que se percebe é que é impossível relacionar uma a uma as partes entre a CS e a sintaxe. No caso de (04) e (05), o operador interrogativo (Q), está ligado tanto à proposição quanto à variável *x*. Na tradição da gramática gerativa, em termos de sintaxe, são quatro as operações: a primeira é o elemento sintático Q – que marca a sentença como interrogativa, e que é invisível. A segunda operação é o movimento de *who*, que pressupõe um nível invisível de sintaxe em que *who* seja objeto de *see*. A terceira é a inversão entre o sujeito e o auxiliar, o que também é considerado um caso de movimento. A quarta é o vestígio.

A *Hipótese da Sintaxe mais Simples* tenta eliminar as três primeiras operações, mas aceita a quarta como uma complexidade necessária. As três primeiras são interdependentes, já que o elemento sintático invisível Q, correspondente ao elemento semântico Q, é para ser o

que desencadeia (ou licencia) o movimento tanto da palavra-QU quanto da Temporalidade. Como ele faz isso tem variado ao longo dos anos, mas esta história básica (exceto o vestígio) originou-se na década de 1960 com Katz e Postal (apud CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 308), em estudo sobre a necessidade de rumos para uma teoria integrada das descrições linguísticas.

Em resumo, a abordagem da *Sintaxe mais Simples* aceita o recurso do vestígio e rejeita a explicação por movimento. Não há necessidade sintática de montar a sentença na ordem canônica e depois passar por movimento. Mas a cadeia entre o vestígio e o sintagma-QU (neste caso *who*) é uma complexidade necessária para explicar a dependência descontínua, que o licenciamento indireto explica.

A representação da estrutura básica da sentença relaciona a Fonologia (03) à CS (05), passando por algumas estruturas intermediárias como a Sintaxe (06), que também pode ser representada de forma arbórea em (07).



(CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 309)

Os índices na CS (08), a partir de (05), ajudam a compreender a representação sintática em (07).



O índice 1 da variável x aparece duas vezes na CS e apenas uma vez na sintaxe. E não é necessário desmembrar a sintaxe em duas para representar os dois x da CS. Isso é a demonstração formal de que não é necessário representar sintaticamente esta coocorrência, eliminando o que na tradição da gramática gerativa é conhecido como projeção intermediária.

O mesmo ocorre com a representação da sentença (S) na sintaxe, que agrupa 3 elementos da CS, indicados pelos índices 3, 4 e 5. Com isso, desmonta-se na sintaxe o agrupamento semântico em três outros núcleos.

Por fim, a representação da sintaxe é marcada pelo licenciamento indireto: o sintagma-QU é marcado como um órfão (ORPH) e o vestígio como um alvo (TARGET). A sentença é tanto o constituinte que é indiretamente licenciado (ou seja, ele contém o órfão) quanto o antecedente em que o alvo pode ser encontrado. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 310)

Outra visão do mesmo fenômeno acaba por organizar as 3 camadas – CS, Sintaxe e Fonologia – lado a lado, apresentando nas camadas os elementos marcados pelos índices 1, 2, 3, 4, 5 e 6 em (09).

(09)	Estrutura Conceitual (CS)	Sintaxe	Fonologia
	Q[X PESSOA: 1 [FUTURE [SEE (JOHN, x ₁)]]]		
i.	[FUTURE [SITUAÇÃO] ₄	[T/M] ₄	will ₄
ii.	[SEE (X, Y)] ₃	V ₃	see ₃
iii.	JOHN ₂	NP	John ₂
iv.	[x;PESSOA] ₆	[NP,WH] ₆	who ₆
v.	[Qx ₁ [F (... x ₁)]] ₅	[s [wh]I ^{ORPH} ... [t] ₁ ^{TARG} ...] ₅ ^{IL/ANT}	

(CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 310)

Neste caso, partindo da CS, cada elemento vai sendo inserido na sentença seguindo a ordem proposta na estrutura básica, começando pela noção de futuro, neste caso dada por *will* na dimensão fonológica, e que na sintaxe se apresenta sob as questões de temporalidade (T) e modalidade (M), como se vê na camada (ii). O verbo *see* é representado na CS como SEE e é acompanhado das variáveis X e Y, aparecendo na sintaxe representado por V. O NP *John* é transparentemente marcado na CS como JOHN. A camada (09.iv) é a entrada lexical da palavra-QU *who* que tem os traços de PESSOA. Já a última camada (09.v) representa a construção da interrogativa-QU que, na Estrutura Conceitual tem o operador Q e as variáveis que são ligadas tanto com o sintagma-QU quanto com o vestígio na sintaxe.

A primeira impressão da representação das interrogativas-QU simples da *Sintaxe mais Simples* é de que ela é muito parecida com a Teoria Padrão da tradição da gramática gerativa. Na explicação original da fase transformacional, a interrogação se forma pelo movimento do sintagma-QU para a posição de Spec do CP (ver exemplos (02), (03) e (04) do capítulo 2).

Na explicação de Culicover e Jackendoff, a posição de Q na semântica é determinada pelo significado da sentença. A contrapartida de Copiar o sintagma-QU e Re-Fundir, criando assim uma cadeia, é a dupla ligação da variável na Estrutura Conceitual com a cadeia na sintaxe. A contrapartida de características correspondentes do sintagma unificado para [C,

+wh] é a vinculação semântica da variável através do operador. Apenas a primeira destas envolve a sintaxe em tudo. Outra maneira de obter o efeito de movimento sintaticamente é simplesmente produzir o sintagma-QU e seu vestígio juntos como um par. Ou a cadeia é criada como um primitivo ou há uma operação de criação de cadeia que se aplica ao sintagma *in situ*; estas parecem ser operações equivalentes da perspectiva da economia. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 312).

A criação do sintagma-QU com um vestígio t_{QU} seria o fundamento do movimento-QU, embora não seja equivalente a isso, a menos que o sintagma-QU esteja localizado em uma posição que não seja adjacente ao vestígio.

A derivação da *Sintaxe mais Simples*, evita movimento, adjunção e cópias intermediárias do sintagma-QU. Ela é realmente muito semelhante a algumas propostas no Programa Minimalista, mas difere fundamentalmente da derivação transformacional do Movimento A', porque defende que o sintagma-QU não chega à posição inicial por movimento (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 313).

Em suma, na *Sintaxe mais Simples* estruturas sintagmáticas não são mapeadas em estruturas sintagmáticas; em vez disso, representações da Estrutura Conceitual são mapeadas em estruturas sintagmáticas. Não há operações sintáticas de Mover (Move), Copiar (Copy) ou Fundir (Merge) que distingam a linearização de um objeto direto interrogativo em posição de início de sentença da linearização um objeto direto não interrogativo em posição pós-verbal. Ambos são realizados por regras de interface que mapeiam constituintes para posições específicas, dependendo de suas propriedades sintáticas e de seus papéis semânticos. Além disso, a ligação do sintagma-QU de início de sentença com o vestígio não é realizada por cópia, fusão ou deleção, como no Programa Minimalista, mas pela criação da cadeia, ligando ambos os seus membros com a variável dependente, e o posicionamento do núcleo da cadeia na posição de início de sentença. Além da presença da cadeia, tudo é feito na semântica e na interface sintaxe-semântica. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 313)

3.3 Sobre as interrogativas-Q na sintaxe mais simples

Os argumentos de Culicover & Jackendoff para a explicação das interrogativas QU apresentados neste capítulo consolidam uma visão que se estrutura desde a década de 1970, a partir de quando a centralidade da sintaxe nos estudos linguísticos formais vem sendo questionada.

Entretanto, é necessário desenvolver uma comparação entre as duas abordagens a fim de identificar se os dispositivos alternativos (estrutura conceitual e licenciamento indireto) simplificam a explicação em comparação com movimento.

De acordo com os autores, o mais gramaticalizado dos licenciamentos indiretos é o que envolve dependências de longa distância, em que o fragmento está em um sintagma “fronteado”, em posição inicial e o antecedente é um “vestígio” a sua direita. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 539)

Neste sentido, e já direcionando para os estudos de interrogativas-QU em português (tema do capítulo 4), revisamos análises realizadas dentro do modelo proposto pela tradição da gramática gerativa. Na preparação deste estudo, identificamos que análises do Português (tanto brasileiro quanto europeu) inspiradas na *Hipótese da Sintaxe mais Simples* em termos de interrogativas-QU são praticamente inexistentes, ainda que haja estudos em outras linhas teóricas consideradas alternativas.

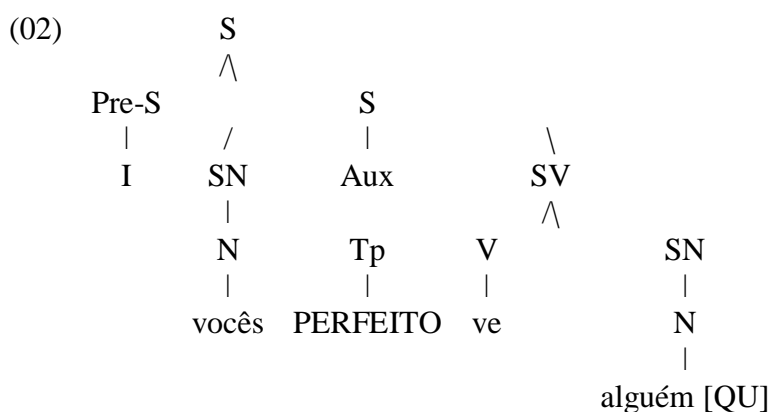
4 ESTUDOS DE INTERROGATIVAS-QU NO BRASIL E APROXIMAÇÕES COM A SINTAXE MAIS SIMPLES

Há estudos dentro da tradição da gramática gerativa sobre o português (brasileiro ou europeu) que analisam a evolução da teoria da gramática em geral. Os estudos que serão analisados aqui tratam de forma genérica a evolução da teoria, sem se deter no aspecto das interrogativas-QU ou no movimento-QU. Nosso objetivo específico é destacar desses estudos os pontos que tratam das interrogativas-QU, considerando nosso objetivo geral de comparar as abordagens com as explicações da *Sintaxe mais Simples*.

Tendo em vista o momento teórico da fase padrão da teoria gerativa, a explicação sobre as interrogativas-QU através de regras sintagmáticas nunca foi plenamente satisfatória, levando a desenvolver a noção de derivação transformacional da interrogação com QU. Entre as evidências contrárias a uma solução sintagmática estavam (a) o fato de que as regras geravam sequências agramaticais, e (b) a interferência do verbo nas regras, seja pela subcategorização estrita, seja na restrição de seleção (LOBATO, 1986, p. 191–192). Com isso, percebe-se que a evolução do modelo era uma questão de tempo.

Uma das primeiras questões a ser tratada foi a postulação de um elemento pré-sentencial interrogativo, a fim de contemplar situações como uma colocação mais neutra e a exclusão de determinados elementos em caso de imperativo (LOBATO, 1986, p. 194). E um caso como (01) parecia mais adequado em uma representação como (02) do que como (03).¹⁰

(01) Quem vocês viram?



¹⁰ Estes exemplos foram extraídos de *Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação* (LOBATO, 1986).

$$(03) \text{ Pre-S} \rightarrow \left\{ \begin{array}{c} \text{SAdv3} \\ \text{IMP} \\ \text{Int} \end{array} \right\}$$

Outro ponto de atenção que aparece nas análises é a coocorrência da palavra-QU em contiguidade com *que*, como as que se vê em (04).

- (04) a) *Onde que* você está?
 b) *Quem que* você viu?
 c) *Que livro que* você está lendo?
 d) Ele disse *quando que* ele vem?

Essa situação está relacionada com as categorizações dos verbos (aspecto semântico), mas também com o ponto em que as palavras interrogativas podem se acoplar na sentença sem formar sentenças inadequadas (LOBATO, 1986, p. 322).

Mas o aprofundamento do Programa de Princípios e Parâmetros obriga a revisar aspectos da fase anterior. E restrições são usadas para bloquear coocorrências como se vê em (05).

- (05) [Onde o que] ele deixou.
 [O que onde] ele deixou.

A substituição do princípio de poda (Modelo Padrão) pelo princípio do vestígio (Modelo Padrão Estendido) é um passo significativo para consolidar uma nova fase nos estudos sintáticos. Com isso, o nódulo em que se encontrava o sintagma QU não desaparece completamente com o deslocamento, mas deixa um vestígio, mantendo o nódulo.

Deslocado o sintagma QU o que acontece no lugar de origem desse sintagma? No modelo padrão, seria utilizado o *princípio de poda*, que suprimiria o nódulo categorial acima do sintagma QU, por ele estar vazio. Mas, a partir de sua segunda fase (1975, 1976, 1977), o modelo padrão estendido incorporou definitivamente o *princípio do vestígio* e, então, não suprimirá o nódulo sintagmático que fica vazio depois do deslocamento. (LOBATO, 1986, p. 324–325)

Fica aqui reiterado como a Teoria dos Vestígios evolui para a Teoria do Movimento, no final da década de 1970. Segundo Lobato (1986, p. 326), o Princípio do Vestígio é uma formalização desta evolução: “Um sintagma deslocado transformacionalmente deixa, na sua posição de origem, um vestígio automaticamente coindexado com o sintagma deslocado”. Explica-se através do vestígio, não só o deslocamento, mas também a coindexação.

E mais:

Isso quer dizer que, deslocado o sintagma QU, a categoria sintagmática que o dominava continua na mesma posição, e, no lugar do item lexical deslocado, fica um indício de sua presença anterior nesse lugar, indício esse denominado *vestígio* (ing.: *trace*), e representado como *v* em português e *t* em inglês.
(LOBATO, 1986, p. 326–327)

Por outro lado, e na mesma direção, o modelo vai continuar evoluindo apoiando-se em evoluções de categorias diferentes, como pronomes pessoais e sintagmas QU. Como se vê, o próprio Chomsky refere-se que a solução para os pronomes pessoais no programa de Princípios e Parâmetros, poderia se aplicar também para as palavras QU.

O modelo de Chomsky (1981a) continua a postular uma separação entre traço QU e conteúdo pronominal dos sintagmas QU (cf. Chomsky 1981a: 115 [...]). Mas é possível também se pensar numa mudança de enfoque, correspondente à mudança de enfoque para os pronomes pessoais anafóricos (ele, ela, etc.): se esses pronomes pessoais são agora inseridos na base, já na sua forma final, sendo interpretados no componente forma lógica (FL), por que não fazer o mesmo com os sintagmas QU?
(LOBATO, 1986, p. 334)

Nesta retomada de um estudo representativo em Português Brasileiro sobre movimento-QU desde a Teoria Padrão até o Programa de Princípios e Parâmetros, reitera-se a posição central da noção de movimento para as explicações baseadas nas descrições, e para a evolução dos estudos sintáticos.

Ainda que apresente elementos relevantes para o estudo do PB, o estudo representa a tradição da gramática gerativa, alicerçada nas obras de Chomsky publicadas até aquele momento, não configurando questionamentos ao modelo, mas aplicando ao português, discussões já feitas no inglês.

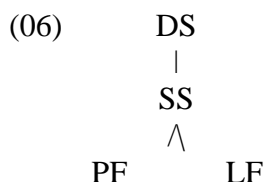
4.1 As interrogativas-QU na perspectiva do programa de Princípios e Parâmetros

Para abordar a próxima etapa que se ancora no arcabouço teórico do Programa de Princípios e Parâmetros, usamos como roteiro o *Novo Manual de Sintaxe* (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007) que aborda desde fundamentos dos estudos gerativistas até aspectos avançados. Em relação às estruturas-QU, destacamos a explicação da noção de movimento, para contrastar com *Sintaxe mais Simples*.

Um exemplo de estrutura interrogativa é usado para apresentar os conceitos de Forma Fonética (PF, do inglês *Phonetic Form*), Estrutura de Superfície (SS, do inglês *Surface*

Structure), Forma Lógica (LF, do inglês *Logical Form*) e Estrutura Profunda (DS, do inglês *Deep Structure*).

Tendo em vista que a função de qualquer modelo linguístico “é mostrar a relação entre o som de uma sentença, PF, e o seu sentido, LF”, o *Novo Manual de Sintaxe* explica que “esta relação não é direta, mas mediada pela estrutura sintática SS”. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 26).



(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 26)

No caso, o foco é o ponto em que a expressão interrogativa pode aparecer, seja à direita do verbo (mais para o fim da sentença), seja no início da sentença. Nas sentenças (07ab) o que está sendo perguntado é o objeto do verbo *comprar*. Na representação da DS, o sintagma interrogativo – *o que* – aparece sempre à direita do verbo, pois esta representação é de uma etapa anterior aos movimentos sintáticos, tornando importante desfazê-los.

Já o nível intermediário SS pode representar o sintagma-QU tanto na posição original de objeto do verbo, depois do verbo, *in situ*; ou antes do verbo, no início da sentença, deslocado. Assim, a representação da SS varia de acordo com o que se quer representar, especialmente em relação a movimento, neste caso.

- (07) a. O João comprou o quê?
 b. O que o João comprou?

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 27)

A generalização feita afirma que este fenômeno é uma característica de todas as línguas naturais, pois “pronunciamos determinados elementos em um lugar da sentença e os interpretamos em outro (...). O objeto direto do verbo está na posição inicial da sentença, mas todos sabemos que se trata do objeto de *comprar*.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 27)

Essa abordagem, usando a estrutura interrogativa-QU como exemplo, dá uma ideia da força que estas estruturas têm na explicação de fenômenos sintáticos relevantes, como DS, SS, PF e LF. Em resumo:

[...] para construirmos uma sentença, devemos recorrer ao léxico da língua (isto é, ao nosso "dicionário mental", o conjunto de palavras pertencentes à nossa língua) e, fazendo uso das informações aí presentes, construir uma primeira estrutura, DS. Na passagem de DS para SS, podemos movimentar constituintes, de tal modo que então poderemos ter o objeto direto do verbo na posição inicial da sentença, (...). É a representação da sentença em SS que será enviada para PF para ser pronunciada; é também essa representação que será enviada para LF para ser interpretada semanticamente. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 28)

Como vimos acima, as estruturas interrogativas são muito utilizadas para explicar os fundamentos da teoria da gramática.

Um dos recursos mais relevantes para a compreensão dos fenômenos sintáticos é a representação arbórea das sentenças, permitindo analisar as relações entre os constituintes. E, neste item, é fundamental reconhecer as contribuições que a Teoria X-barras¹¹ trouxe para as representações, revisão a noção de constituintes, definindo a rigidez das relações e as noções de núcleo lexical e núcleo funcional.

Em relação às representações arbóreas, a definição do tipo de representação (DS, SS, ou LF) é fundamental para saber se vamos representar os constituintes já movidos, ou se precisaremos desfazer os movimentos para representar os constituintes em sua posição de origem, antes de passar pelo movimento.

A construção das árvores é orientada por um tipo de algoritmo cujas instruções devem começar por estabelecer o nível em que a sentença vai ser representada: DS, SS ou LF. Sabemos que para passar do primeiro nível aos outros aplicam-se movimentos que são visíveis quando se passa de DS para SS. Neste caso, o constituinte movimentado é pronunciado na posição para onde ele foi deslocado. Também na passagem da SS para LF podem ser necessários movimentos, como os que posicionam os quantificadores um em relação ao outro para serem interpretados; mas nesse caso os movimentos são invisíveis porque a PF não alcança a área que vai da SS para a LF para pronunciá-la. A representação de uma sentença na DS, então, requer que todos os movimentos realizados sejam desfeitos, isto é, que os constituintes deslocados apareçam em sua posição de base, que a flexão sozinha apareça sob I e que o verbo apareça sob V. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 67)

A representação dos movimentos nas árvores é, portanto, um aspecto relevante para a compreensão dos níveis DS (estrutura profunda), SS (estrutura de superfície) e LF (forma lógica), sendo a noção de movimento utilizada para diferenciar uma estrutura da outra. A

¹¹ Para um detalhamento sobre a Teoria X-barras em português, ver o texto *A Gramática da Frase em Português* (OTHERO, 2009)

dependência de um conceito para explicar o outro demonstra que se usam as representações para explicar o movimento. E a noção de movimento é usada para explicar as representações.

No caso, tendo por base os fundamentos da constituição da sentença nos principais sintagmas lexicais, os que envolvem verbo e nome, entram em cena os nódulos invisíveis, que embora estejam ancorados nestes, apresentam relevância significativa para esta formalização tão importante para os estudos linguísticos.

4.2 Representações arbóreas de interrogativas-QU: fundamentos

Para chegar às representações arbóreas de interrogativas-QU, apresentaremos brevemente os fundamentos destas representações, começando pela noção de que os verbos e seus argumentos são estruturas essenciais. É, portanto, a partir da noção de sintagma verbal que se estruturam os demais sintagmas e constituintes.

Como visto no capítulo 2, os constituintes maiores de uma sentença são CP, IP e VP, como se observa em (08). O CP marca o tipo de sentença. O IP codifica a sentença em termos de flexão verbal. E estas estruturas básicas – CP e IP – são invariáveis. Já o VP é o sintagma verbal propriamente dito, cuja estrutura básica é o Spec e a projeção intermediária do Verbo (V'). Mas só a análise de cada sentença vai permitir compreender a estrutura real do VP.

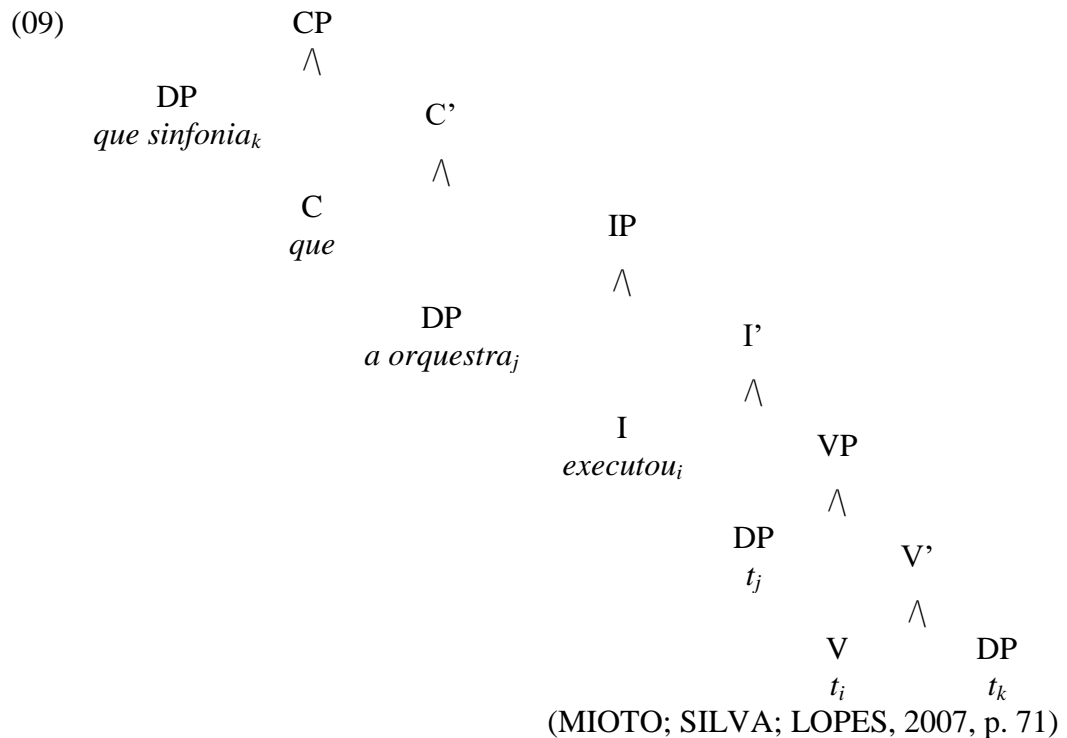
(08) CP
|
IP
|
VP

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 68)

Na descrição arbórea de uma sentença, uma das primeiras verificações que deve ser feita é se esta sentença é declarativa ou interrogativa. A representação da estrutura profunda das sentenças interrogativas formadas a partir de uma declarativa organiza o modelo representacional em estudo. Aqui, mais uma relevante informação sobre a representação arbórea da estrutura profunda de interrogativas: a inclusão do CP (sintagma complementizador, do inglês *complementizer phrase*) no ponto mais alto da representação.

Por sua vez, as sentenças declarativas tem em seu ponto mais alto um IP (sintagma flexional, do inglês *inflectional phrase*).

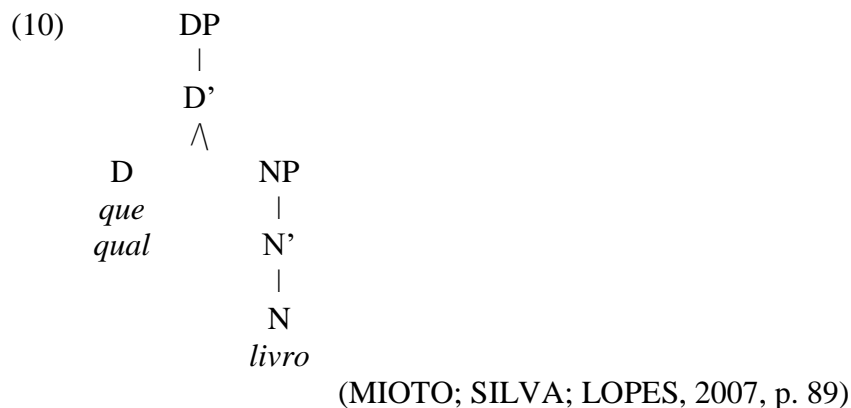
A representação em (08) mostra o núcleo nulo do complementizador aparece preenchido por *que*.



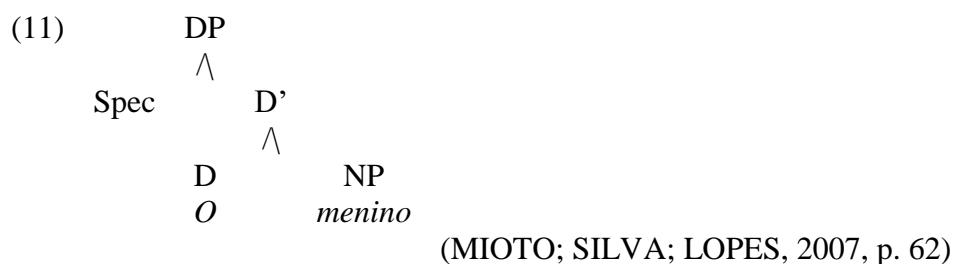
No entanto, nem todos os verbos selecionam argumentos simples como nos casos estudados até aqui. E nem é objetivo deste estudo analisar sentenças com verbos complexos. No entanto, é importante dizer que há diferenças representacionais de verbos como *perguntar* e *achar*, uma vez que o primeiro seleciona como complemento uma sentença interrogativa e o último seleciona como complemento uma sentença declarativa. Essa consideração é válida em casos em que o complemento seja oracional.

Outro aspecto relevante são as restrições que impedem uma expressão-QU de estacionar em um ponto intermediário, a fim de estabelecer uma regra que permita explicar esta restrição.

Outra representação arbórea relevante para os estudos da interrogativas é o NP, já que um DP interrogativo tem um NP que é dominado pelo DP, como se vê em (10).



Essa representação é uma visão específica da representação genérica do NP (11), que é dominado pela categoria funcional DP.



Como se vê, o NP apresenta um determinante, que no caso de (09) é um item interrogativo.

Neste ponto, é fundamental esclarecer que o constituinte tanto pode ser um determinante interrogativo, como pode ser um complementizador, ou ainda um item de uma expressão interrogativa.

O determinante interrogativo *que* não deve ser confundido com o complementizador *que* que é escrito junto com *por*, nem com o item *que* da expressão interrogativa *o que*.

No primeiro caso, a confusão não deve ser feita porque o complementizador *que* não marca a sentença como interrogativa. No segundo caso, a expressão Wh contém o determinante *o*, o que significa que o núcleo D já tem preenchedor; adicionalmente, esta expressão não tolera um nome depois de *que* (compare *O que livro o João leu? com Que livro o João leu?), o que nos leva a supor que o NP deve ser preenchido pelo próprio *que*. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 90)

A presença de PPs em interrogativas é um aspecto importante a ser estudado, pois os PPs são talhados para serem adjuntos e que apesar de aparecerem como argumento, esta não é sua função mais representativa. No estudo de PPs em interrogativas, destaque-se também as

preposições lexicais e funcionais. E, mais uma vez, aparecem interrogativas para esclarecer os diferentes aspectos deste sintagma, como se vê em (12):

- (12) a. João faz isso [para [DP Maria]].
 b. João faz isso [por [DP Maria]].
 c. João faz isso [para [DP *quê ec*]]?
 d. João faz isso [por [DP *quê ec*]]?

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 98)

Nos casos de (12a) e (12c), chama atenção o fato de termos DP interrogativo e DP não interrogativo.

4.3 Mover α

A regra mover α é um exemplo concreto da evolução da noção de movimento dentro da tradição da gramática gerativa, desde a Teoria Padrão até o programa de Programa de Princípios e Parâmetros, mantendo-se no Programa Minimalista.

A primeira regra postulada foi regra de deslocamento do NP, como uma simplificação das regras anteriores de anteposição de NP e de posposição de NP. (LOBATO, 1986, p. 337). Entre as causas apontadas, há motivações empíricas e teóricas: a regra não limitava suficientemente as transformações observáveis na língua, não refletindo adequadamente as limitações reais ocorridas na língua.

Em seguida foi acrescentada a regra de deslocamento de QU.

A restrição do número de transformações é uma característica da teoria gerativa chomskiana desde 1976 ("Conditions on rules of grammar"), quando o componente transformacional passou a ser integrado de exclusivamente duas regras:

- Deslocamento de SN,
- Deslocamento de QU.

(LOBATO, 1986, p. 337)

A interação entre o deslocamento de QU e o deslocamento de SN vai disparar a criação da regra de movimento mais geral: futuro mover α . Enfim, é estabelecida a regra deslocamento de α .

A etapa seguinte (...) vai consistir em propor que essas duas regras sejam na verdade instâncias diferentes de uma mesma regra mais geral e universal — *Deslocamento de α* , onde α é qualquer categoria.

(LOBATO, 1986, p. 345)

Uma vez estabelecida a regra de mover α , passou-se para a teoria do movimento, já no programa de Princípios e Parâmetros, momento em que as explicações sobre movimento de constituintes passar definitivamente a estar relacionadas com a noção de vestígio, como se vê em (13).

- (13) a. Quem_i que a Maria encontrou t_i?
(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 249)

A definição de movimento sintático apresentada está relacionada com a capacidade dos seres humanos de “interpretar sintagmas que aparecem na sentença em lugares diferentes do lugar em que são marcados tematicamente” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 249).

Retomada esta consideração inicial, apresenta-se o movimento QU como um dos casos que precisa de atenção especial. O primeiro tipo de movimento em estudo é o movimento de núcleos como os radicais dos verbos que se movimentam para se completarem morfologicamente. A noção de movimento de núcleo é fundamental para compreender a formação adequada de verbos em português. Além disso, o fator localidade parece ser muito importante para que não se perca o controle após o movimento.

As noções de movimento A e A-barras são igualmente fundamentais para compreender os movimentos, uma vez que devemos olhar o lugar em que o constituinte chega para entender a tipologia do movimento.

Primeiramente, note que, se estamos lidando com movimento de núcleo, devemos dizer que o que define o tipo de movimento é a posição de chegada dele, o que parece também confirmado pelos movimentos A e A-barras. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 254)

O movimento A aparece inicialmente relacionado com atribuição de caso nominativo para o argumento externo de um verbo. E o exemplo clássico do movimento A-barras é o movimento QU. E parece que, neste caso, os traços do vestígio deixado no local de origem também concorrem para a tipificação do movimento.

As especificidades do movimento QU em relação a questão da localidade permite uma explicação de como ele se movimenta.

4.4 Considerações sobre estudos de interrogativas-QU no Brasil

Além dos estudos selecionados para abordar os desdobramentos da tradição da gramática gerativa no Brasil mencionados das seções 4.1 e 4.2 deste capítulo, outros estudos sobre as interrogativas-QU sobre o Português Brasileiro apresentam em suas análises a explicação por movimento dos fenômenos linguísticos..

Um dos estudos que pode ser citado é o feito por Miotto e Kato (2005) em que são apontados contrastes entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, especialmente analisando possibilidades e restrições ao movimento-QU, já que os dados analisados pelos autores indicam que o sintagma-QU *in situ* não é permitido tanto em interrogativas encaixadas quanto em interrogativas clivadas tanto no Português Europeu quanto no Português Brasileiro (MIOTTO; KATO, 2005, p. 176). Nesta perspectiva, a noção de movimento é fundamental na descrição do fenômeno, já que se baseia na restrição ao movimento do sintagma-QU.

Em relação ao movimento de verbos em interrogativas-*wh* no Português, a análise feita por Menuzzi (1994) apresenta o movimento do verbo para a COMP, que, no caso do Português Europeu, é um movimento “acionado pelas condições de licenciamento de uma categoria vazia que ocorre no interior dos sintagmas-*wh*” (MENUZZI, 1994), o que não ocorre em Português Brasileiro, constituindo-se um exemplo de contraste sintático entre as duas variantes.

Em suma, estudos do Português Brasileiro referentes às interrogativas-QU em sua abordagem por movimento são diversos e contemplam tanto os aspectos da tradição da gramática gerativa, que encontram-se cristalizados em manuais de sintaxe. No entanto, outras análises sobre variação sintática entre o Português Brasileiro e Português Europeu, também se valem da ideia de movimento para desenvolver suas explicações.

4.5 A explicação da *Sintaxe mais Simples* para interrogativas-QU

De acordo com a proposta alternativa da *Sintaxe mais Simples*, a explicação de fenômenos sintáticos (como as interrogativas-QU) por movimento é teoricamente inadequada, pois não explica alguns fenômenos como a Elipse do Argumento Nu e precisa criar vestígios intermediários para explicar interrogativas-QU.

Considerando que os vestígios existem, mas não os intermediários, a *Sintaxe mais Simples* elimina primeiramente os movimentos de níveis intermediários, conhecidos como Movimento A', na tradição da gramática gerativa. E passa, assim, a explicar como funcionam as dependências descontínuas.

Para isso, consideremos o PP inicial *with whom* em (14).¹²

- (14) With whom is Terry flirting?
 Com quem está Terry flertando
 Com quem Terry está flertando?

(CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 302)

Como se vê em (14), sintagma-*with* é licenciado pelo verbo *flirt*, ainda que não esteja na posição canônica do argumento prescrita por *flirt*. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 302). Na abordagem da tradição gerativista, como se viu anteriormente, o *with whom* está movido de sua posição canônica para a posição de início de oração.

A *Sintaxe mais Simples* sugere que os fenômenos de “deslocamento” devem ser analisados em termos de licenciamento direto (em que há uma conexão local entre licenciador e licenciado) e licenciamento indireto (em que não há esta conexão local). No caso do licenciamento indireto, o licenciador pode estar em uma posição distante do licenciado, em outra sentença, ou mesmo pode ser realizado por um contexto não linguístico.

Como se vê em (15)¹³, em que a preposição *com* é indiretamente licenciada pelo verbo *flertando*, que se encontra em uma sentença anterior.

- (15) a. Terry está flertando?
 b. Sim. Com Leah.

¹² Exemplos extraídos do Capítulo *Discontinuous Dependencies* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 302–352)

¹³ Exemplo adaptado da seção *There is no A'-movement* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 302).

A questão relevante aqui é comparar as explicações por licenciamento indireto e a abordagem por movimento. Se o licenciamento indireto for uma explicação mais simples do que a noção de movimento, então, haverá motivos para eliminar a noção de movimento da teoria. É o que defende a navalha de Occam.

Os contextos de Movimento-A' e licenciamento indireto são exatamente os mesmos: ocorrem em posição em que os sintagmas não têm um autorizador local. Assim, um constituinte-QU de construções A' é um órfão (ORPH) licenciado indiretamente. A sentença em cuja borda o órfão estiver localizado é o antecedente (ANT) . E o órfão é licenciado por estar ligado a uma posição de alvo (TARGET) no antecedente.

No caso de uma interrogativa-QU como em (14), uma relação de ligação seria tal qual a de uma cadeia sintática, em que o órfão *with whom* é o núcleo da cadeia e o alvo, a cauda da cadeia, é um vestígio na posição à direita do verbo, como t_i em (16).

- (16) [with whom]_i^{ORPH} is Terry flirting t_i ^{TARG} .
(CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 303)

Segundo a teoria, essa ligação que começa com um órfão e termina com um vestígio torna o QU-inicial mais complexo do que a Elipse do Argumento Nu. No caso específico das interrogativas-QU, a *Sintaxe mais Simples* explica que o vestígio não é algo deixado para trás pelo movimento. O vestígio representa a posição presumptiva (mais provável) de um constituinte que está ligado a um constituinte da Estrutura Conceitual através de licenciamento indireto e que serve como o alvo para o licenciamento indireto do sintagma-QU.

Retomando outras abordagens não movimento para interrogativas-QU, a *Sintaxe mais Simples* se insere nessa linhagem de estudos *monostráticos* (não transformacionais), denominando este fenômeno de dependência descontínua.¹⁴ Ainda neste sentido, o que é proposto não é simplesmente apresentar uma explicação não movimento dos fenômenos-A'. Eles querem argumentar que uma explicação não movimento de fenômenos A' é possível, usando em parte os mesmos dispositivos descritivos que foram usados para descrever a Elipse do Argumento Nu.

No espírito do minimalismo, a teoria argumenta que para justificar o movimento tem que haver algo sobre fenômenos A' que requeira que eles sejam derivados através do

¹⁴ Os autores citam Brame (1978), como ponto de partida para esta visão alternativa. A obra citada nas referências é *Base Generated Syntax*.

movimento; caso contrário, o movimento deve ser abandonado como um componente desnecessário da teoria sintática. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 304)

Revisando construções em Língua Inglesa, consideradas as opções com maior probabilidade de ocorrência de movimento dentro de uma sentença, os autores defendem que nem todas exigirão ou permitirão uma análise em termos de Licenciamento Indireto. Outros mecanismos que criam ilusão de movimento são citados, mas não serão detalhados aqui, por não se referirem ao tópico central deste trabalho (interrogativas-QU). Apenas para citar, os casos de deslocamento à esquerda e à direita (em inglês) podem ser comparados com topicalização. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 306). Fica ainda a discussão se estas construções são mais próximas da Elipse do Argumento Nu, das interrogativas-QU ou da topicalização.

Depois de sugerir a existência de tantas fontes de constituintes “deslocados”, como fica a simplificação proposta pela navalha de Occam? Para responder esta questão, Culicover & Jackendoff observam que um importante tema da tradição da gramática gerativa tem sido a de reduzir o número de distintos mecanismos computacionais na gramática, e aqui eles estão multiplicando as entidades. No entanto, lembram que a navalha de Occam diz "Não multiplica entidades além da necessidade", e que a qualificação é fundamental. Em outras palavras, é preciso precauções para não simplificar demais a ponto de perder o poder explicativo da teoria, em nome de uma simplificação na descrição.

Além disso, tem sido estudado por anos que diferentes tipos de "movimento" têm propriedades diferentes, por exemplo, que alguns movimentos são estritamente locais e alguns podem invocar dependências de longa distância; que alguns (tais como alçamento) dependem de propriedades de verbos específicos e outros não; que alguns são para a esquerda e alguns são para a direita. A tradição da gramática gerativa incorporou essas diferenças através de dispositivos técnicos como caso abstrato, regência, restrições, propriedades especiais de [Especificador, Sintagma Complementizador], e assim por diante. Efetivamente, a heterogeneidade tem sido escondida no funcionamento interno, ao mesmo tempo em que se criam estruturas e derivações mais complexas. O esforço para fornecer tal explicação inevitavelmente tem provocado complexas suposições auxiliares que minam a suposta simplicidade e elegância da abordagem. Em outras palavras, multiplicar entidades é necessário, *em algum lugar* na gramática. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2006, p. 307)

Contrastivamente, a *Sintaxe mais Simples* procura tomar a heterogeneidade de fenômenos de deslocamento como um ponto de partida e, para dividir a descrição das

possibilidades gramaticais diretamente em um conjunto um pouco mais rico de fenômenos gramaticais fundamentais, ela analisa cada um deles intensamente para produzir as propriedades particulares em questão, utilizando a Hipótese do Conjunto de Ferramentas, que é apresentada como um conjunto de recursos muito simples que as linguagens utilizam para adaptar-se ao longo da cadeia evolutiva das comunidades humanas.

The simplification of structure comes with a price: the characterization of syntactic structure requires a multitude of principles, of varying degrees of regularity. This is a radical break from the spirit of mainstream generative grammar. Our overall vision of language conforms not to the majestic Galilean perspective but rather to a view, attributed to François Jacob, of biology as a “tinkerer”. The language faculty, developed over evolutionary time, provides human communities with a toolkit of possibilities for cobbling together languages over historical time. Each language, in turn, “chooses” a different selection and customization of these tools to construct a mapping between sound and meaning. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 5)¹⁵

Em tal abordagem, o QU-inicial é caracterizado pelo fato de que há um sintagma-QU indiretamente licenciado na posição inicial; para ser licenciado, ele deve estar ligado a um vestígio. Por outro lado, deslocamentos como mudança pesada e deslocamento à esquerda e à direita não necessitam apelar para vestígios. Ou seja, diferentes ferramentas estão envolvidas na explicação por movimento. Assim, a teoria assume um papel mais importante do que o fenômeno que pretende explicar, sendo usada para explicar fenômenos mais simples do que o fenômeno usado para elaborar a teoria, complexificando-se desnecessariamente.

Evitar o movimento leva a uma relação mais direta entre a teoria da estrutura linguística e uma teoria do processamento. Apesar do apelo intuitivo do movimento por uma narrativa sobre a produção de linguagem (“para fazer uma pergunta, você move a palavra-QU para o início”), somos sempre lembrados, como estudantes, de que uma descrição gramatical em termos de movimento não corresponde a nada. Na verdade move-se em processamento — movimento é “apenas uma metáfora” (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 307).

Alcançar uma relação mais direta entre as teorias de competência e desempenho é um objetivo da explanação na teoria linguística. E um formalismo *monostrático* (não transformacional) baseado em restrições, por causa de sua neutralidade quanto ao sentido de

¹⁵ Tradução nossa: *A simplificação da estrutura tem um preço: a caracterização da estrutura sintática requer uma multiplicidade de princípios, de diferentes graus de regularidade. Esta é uma ruptura radical com o espírito da tradição da gramática gerativa. Nossa visão geral do idioma está de acordo não com a perspectiva de galileana majestática, mas sim a uma visão, atribuído a François Jacob, da biologia como um “mecânico amador”. A faculdade da linguagem, desenvolvida ao longo do tempo evolutivo, provê para comunidades humanas um conjunto de ferramentas de possibilidades para consertar a linguagem ao longo do tempo histórico. Cada idioma, por sua vez, “escolhe” uma seleção e personalização destas ferramentas diferentes para construir um mapeamento entre som e significado.*

aplicação, é mais adequado do que uma abordagem movimento para explicar com igual facilidade tanto pela percepção quanto pela produção.

A explicação de Culicover & Jackendoff começa pelo exame das dependências de longa distância com construções-QU, que são as mais amplamente estudadas e para eles o caso canônico. Eles mostram como formar sequências sintáticas e como expressar restrições sobre a validade destas sequências. Em seguida, apresentam outras construções para as quais as análises de movimento foram deixadas de lado na literatura, incluindo topicalização, deslocamento à esquerda e à direita, movimento do *tough*, mudança pesada, e embaralhamento. (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 307)

5 ÚLTIMAS PALAVRAS

Considerando a separação clássica dos estudos linguísticos teóricos em pelo menos três áreas (fonologia, sintaxe e semântica), a sintaxe ocupa uma posição central nos estudos da tradição da gramática gerativa, pois seria responsável por estruturar a Gramática Universal (GU), uma estrutura biológica localizada na mente/cérebro dos humanos, responsável pela linguagem. E um dos fenômenos que evidencia essa estrutura é a recursividade, uma capacidade – exclusiva dos humanos – usada para criar combinações ilimitadas (sentenças) a partir de um número limitado de elementos (léxico), mediante regras. A sintaxe são estas regras. Entre os diversos dispositivos usados para gerar as combinações está o movimento.

Neste trabalho analisei mais especificamente as explicações sobre a construção de interrogativas-QU, sob a denominação de movimento-QU pela perspectiva mais conhecida – teoria do movimento (CHOMSKY, 1981, 1986) – em contraste com a explicação por dependências descontínuas pela teoria alternativa da *Sintaxe mais Simples* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005).

Tendo em vista a quantidade de estudos sobre as interrogativas-QU (MIOTO; KATO, 2005; NUNES, 1998, 2013; OUSHIRO, 2010), a interrogação é um fenômeno que tem destaque nos estudos sintáticos, especialmente nas abordagens gerativistas, tanto na perspectiva derivacional (regras transformacionais), quanto na perspectiva representacional. Essa abordagem teórica, que tem como principal representante o linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky, domina os estudos em sintaxe formal nos últimos 50 anos, especialmente a partir das publicações das duas obras consideradas clássicas: *Syntactic Structures* (1957) e *Aspects of the Theory of Syntax* (1965).

Apoiado na hipótese inatista do conhecimento sobre a linguagem, o gerativismo defende a existência de um componente biologicamente determinado para a faculdade da linguagem humana em sua abrangência e complexidade. Referindo-se a Chomsky, Cowper explica que para a abordagem gerativista, o problema fundamental da teoria linguística é “determinar como é possível para uma criança adquirir o conhecimento sobre a língua” (CHOMSKY, 1973, apud COWPER, 1992, p. 1). Em sua reflexão, um linguista deve pesquisar sobre o conhecimento acerca da língua, seus fenômenos, suas regularidades, priorizando os estudos sintáticos, já que são estes últimos que descrevem as regras através das quais o cérebro/mente humano usa a recursividade.

Entre os fenômenos sintáticos mais recorrentes e relevantes nos estudos linguísticos gerativistas está a noção de *movimento*. Em alguns autores esses estudos aparecem organizados em movimento A e movimento A' (HAEGEMAN, 1991, p. 393). Outros autores afirmam que há três tipos de transformação por movimento: head-to-head, DP (determiner phrase) e *wh-* (CARNIE, 2013, p. 392). O tipo de movimento que aparece na interrogação e nas estruturas interrogativas é conhecido como movimento-QU.

Entretanto, a ideia de *movimento* para explicar tantos fenômenos diversos não é uma unanimidade entre os pesquisadores gerativistas (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005). Existem dúvidas quanto à sua necessidade para explicar os fenômenos. Tanto que a “metáfora” do movimento é explicada e reiterada em estudos alinhados com a perspectiva da tradição da gramática gerativa (KENEDY, 2013; NUNES, 2013). Além da complexidade da noção de *movimento*, pesquisadores alternativos defendem uma abordagem *não movimento* e criticam a criação de múltiplas camadas representacionais, o que acaba por tornar a descrição da sintaxe da língua mais complexa desnecessariamente.

Pesquisadores alternativos têm, portanto, defendido uma abordagem com o número mínimo necessário de entidades, em nome de uma simplificação das explicações. Em *Simpler Syntax* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005), esta ideia se apoia na perspectiva do filósofo medieval Guilherme de Occam (1285 – 1349), cuja contribuição mais conhecida é a navalha de Occam “um princípio metodológico segundo o qual *entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*, isto é, não se devem multiplicar entidades além do necessário”. (MARCONDES, 2010, p. 37).

A dúvida sobre a autonomia da sintaxe nos estudos sobre a faculdade da linguagem, especialmente em relação à semântica, não é recente dentro do movimento gerativista. Desde o início, há uma preocupação sobre a necessidade de descrever diversos níveis (estratos), alguns deles ocultos (*hidden levels*), o que tornaria a explicação muito complexa. Para citar dois casos bem evidentes, de um lado a semântica interpretativa, compatível com a sintaxe transformacional, evidentemente comprometida com a centralidade da sintaxe (CHOMSKY, 1965, p. 141), e de outro a semântica gerativa, que apresentava teorias mais abstratas (LAKOFF, 1969, p. 45), uma vez que inclui aspectos semânticos na descrição.

Entretanto, naquele momento, a visão alternativa utilizava mais ferramentas para fazer a descrição. A abordagem alternativa apresentada neste estudo tem origens nas divergências entre a semântica interpretativa e a gerativa, mas evolui para uma abordagem monostrática e *não movimento*. Nesta perspectiva, semântica e sintaxe não seriam autônomas e, portanto,

uma visão mais adequada é a que constrói uma interface entre as duas áreas para produzir o *output* fonológico (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005, p. 16).

A teoria do movimento (CHOMSKY, 1986, p. 4–8) pressupõe dois tipos de movimento: a substituição e a adjunção. Na substituição, o movimento não ocorre para a posição de complemento. Já a adjunção é possível apenas para uma projeção máxima que seja uma projeção não argumental.

Diante disso, uma ideia robusta e central para a teoria gerativa como a de *movimento*, precisa de uma visão alternativa suficientemente eficiente para explicar os fenômenos. Neste sentido, alguns fenômenos são explicados por meio de dependências descontínuas (*discontinuous dependencies*), utilizando-se do aparato que constrói ao longo da obra *Simpler Syntax* (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005), especialmente a ideia de constituintes descontínuos, estrutura conceitual e licenciamento indireto.

Muitos destes fenômenos já foram estudados pela gramática gerativa e aparentemente já foram explicados pela metáfora do movimento. Entre esses casos está o chamado movimento A' e dentro dele o movimento-QU.

Neste estudo, comparamos introdutoriamente uma proposta que desconsidera a noção de movimento, especialmente dos fenômenos descritos como *dependências descontínuas* em interrogativas-QU, (CULICOVER; JACKENDOFF, 2005), confrontando-os com outras descrições gerativistas, especialmente os conceitos do programa de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981). Os exemplos do português brasileiro para corroborar as hipóteses ali indicadas, ou refutá-las, quando foi o caso, foram extraídos e adaptados basicamente de dois relevantes estudos de gerativistas brasileiros, mais especificamente os estudos de Lobato (1986) e Miotto (2007). Em outras palavras, investigamos se as explicações dos fenômenos sintáticos por *dependências descontínuas* em comparação com a explicação tradicional que se utiliza da noção de movimento se estas explicações fazem sentido para o PB.

Qual é, então, o problema que foi analisado neste trabalho? As explicações dadas por *dependências descontínuas* fazem sentido para os dados empíricos do Português Brasileiro, como fazem para o inglês, de acordo com a defesa dos autores da *Hipótese da Sintaxe mais Simples*. Neste trabalho não foram analisados outros fenômenos interrogativos tais como interrogativas totais (*yes-no questions*) e nem outras construções-QU (i.e. relativas-QU). Para tratar esta questão, a investigação buscou compreender a abordagem das interrogativas-QU por *dependências descontínuas*, relacionando-a com teoria do movimento.

A fim de realizar este levantamento teórico sobre a teoria da gramática, em torno da noção de movimento que é muito relevante para a produção teórica desta perspectiva, acabamos por circunscrever nosso estudo sobre a descrição das interrogativas-QU, em perspectivas alternativas.

Por isso, este trabalho teve por objetivo geral revisar estudos a cerca das estruturas interrogativas do Português Brasileiro, dentro de uma perspectiva gerativista (KATO, 2013; MIOTO; KATO, 2005; OLIVEIRA, 2003; OUSHIRO, 2010), entre outros. O ponto central da revisão é a metáfora de movimento, em sentido amplo e sua necessidade para descrever os fenômenos em estudo.

Especificamente, analisamos as descrições feitas para fenômenos envolvendo interrogativas-QU e aplicamos a situações do PB, identificando especificidades desta língua similares aos já descritos nas línguas estudadas (especialmente o inglês).

Tendo por base que um dos objetivos deste estudo é comparar introdutoriamente duas abordagens teóricas sobre interrogativas-QU, entendemos que os exemplos e modelos aqui analisados são suficientes para atingir este objetivo, uma vez que não foram identificados estudos nesta linha no português. Metodologicamente, a fim de atingir os objetivos propostos, utilizamos as hipóteses propostas pelas linhas teóricas estudadas (teoria do movimento e abordagem não movimento), construindo algumas conjecturas específicas, a partir das explicações e dos exemplos analisados nos textos teóricos estudados.

As técnicas a utilizadas ficam resumidamente descritas por: a) pesquisa bibliográfica dos assuntos descritos; b) organização das premissas e sistematização dedutiva dos resultados; c) não houve geração de *corpus* de dados empíricos / envolvimento de sujeitos.

Em suma, a explicação alternativa por dependências descontínuas contém um arsenal formal tão ou mais complexo do que a teoria do movimento, não permitindo afirmar categoricamente que a explicação alternativa seja mais simples do que a abordagem da tradição. No entanto, a arquitetura distribuída entre os níveis – sintaxe, fonologia e semântica – é um modelo promissor para simplificar as explicações, uma vez que não sobrecarrega a sintaxe com representações. Em outras palavras, o que há de mais simples na *Hipótese da Sintaxe mais Simples* é a representação formal da estrutura básica da frase e não a explicação de interrogativas-QU por dependências descontínuas.

REFERÊNCIAS

- BOECKX, B. **Bare Syntax**. New York: Oxford University Press, 2008.
- CARNIE, A. **Syntax: a generative introduction**. Malden: Wiley-Blackwell, 2013.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. 2nd. ed. Massachusetts: Mouton de Gruyter, 1957.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. **Studies on Semantics in Generative Grammar**. The Hague: De Gruyter Mouton, 1972.
- CHOMSKY, N. **Reflections on language**. New York: Pantheon, 1975.
- CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Eds.). **Formal Syntax**. New York: Academic Press, 1977a. p. 71–132.
- CHOMSKY, N. **Essays on form and interpretation**. [s.l.] North-Holland., 1977b.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**. Cinnaminson: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge: The MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- COOK, V. **Chomsky's Universal Grammar : an introduction**. 1st. ed. Cambridge: Blackwell, 1988.
- COWPER, E. **A concise introduction to syntatic theory (the government-binding approach)**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. **Simpler Syntax**. New York: Oxford University Press, 2005.
- CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. The simpler syntax hypothesis. **Trends in cognitive sciences**, v. 10, n. 9, p. 413–418, set. 2006.
- HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory**. Cambridge: Blackwell, 1991.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. **Understanding Minimalism**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- IBAÑOS, A. **O enigma das atitudes proposicionais: significados estruturados x sentencialismo**. Porto Alegre: EdipucRS, 2009.
- KATO, M. Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese. In: **Information Structure and Agreement**. Philadelphia: John Benjamin Publishing, 2013. p. 175–192.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- LAKOFF, G. **On generative semantics**. London: Cambridge University Press, 1969.
- LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Rio de Janeiro: Ed. Vigília, 1986.
- MARCONDES, D. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- MATOS, G. Despojamento e contraste sintagmático: duas estratégias sintáticas exibindo o mesmo processo linguístico-cognitivo. **Veredas: revista de estudos lingüísticos**, v. 3, n. 1, p. 43–60, 2009.
- MENUZZI, S. Algumas observações acerca do movimento de verbos nas interrogativas-wh do Português. **Letras de Hoje (PUCRS)**, p. 85–108, jun. 1994.
- MENUZZI, S.; OTHERO, G. Sintaxe X-Barra: uma aplicação computacional. **Working Papers In Linguistics**, 2006.
- MILIORINI, R. **As representações sintáticas da subpredicação em PB: a não uniformidade entre forma e sentido (dissertação de mestrado)**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- MIOTO, C.; KATO, M. As interrogativas-Q do português europeu e do português brasileiro atuais. **Revista da ABRALIN**, v. 4, n. 1 e 2, p. 171–196, 2005.
- MIOTO, C.; SILVA, M.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. 3ed. ed. Florianópolis: Insular, 2007.
- NUNES, J. Explorando a teoria do movimento por cópia no programa minimalista. In: ALBANO, E. et al. (Eds.). . **Saudades da Língua**. [s.l.] Mercado de Letras, 1998. p. 205–213.
- NUNES, J. Edge features: legitimando movimento-A. **ReVEL**, v. edição esp, n. 7, p. 35–50, 2013.
- OLIVEIRA, A. **Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro (dissertação mestrado)**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- OTHERO, G. **A gramática da frase em português [recurso eletrônico] : algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- OUSHIRO, L. Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q. **Estudos Linguísticos**, v. 39, n. 2, p. 628–639, 2010.
- PEREIRA, A. **Uma abordagem gramatical das estruturas interrogativas diretas em contos de Machado de Assis e Rubem Fonseca (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa)**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- RAYMUNDO, E. **Diferenças descritivas do movimento-wh interrogativo nas fases da teoria da gramática (Dissertação Mestrado)**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.
- ROSS, J. Guess who: **Papers from the fifth regional meeting Chicago Linguistic Society**, p. 252–286, 1969.